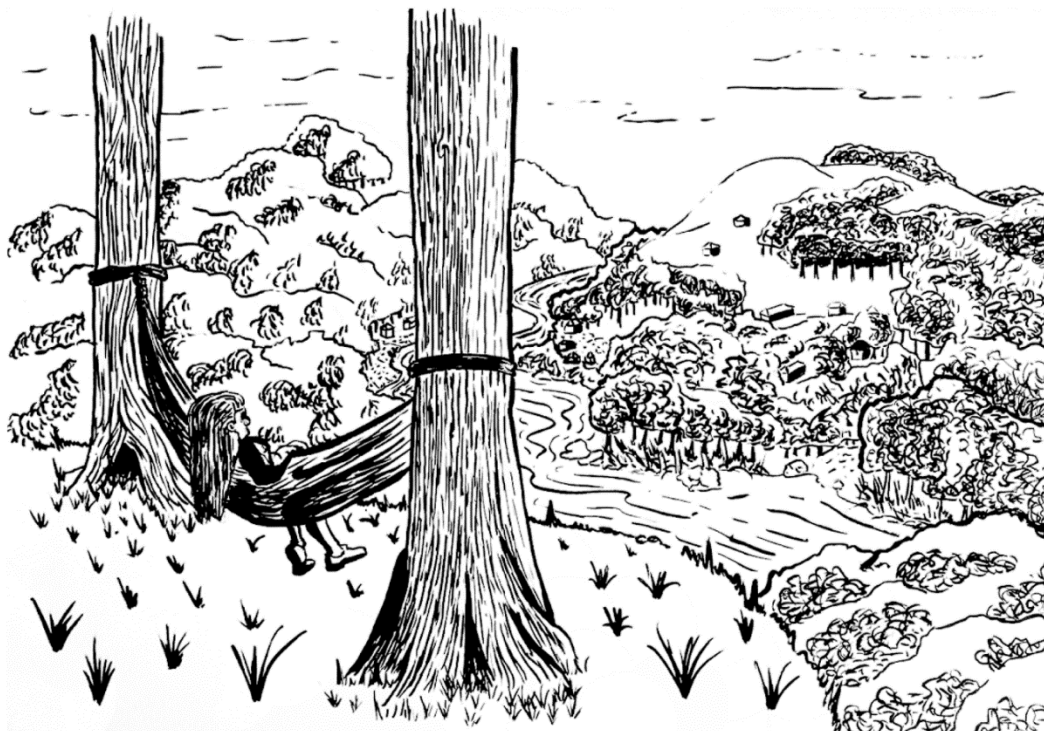


DA ALDEIA PARA O MUNDO: EXPERIÊNCIAS DA CASA D'ABÓBORA PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

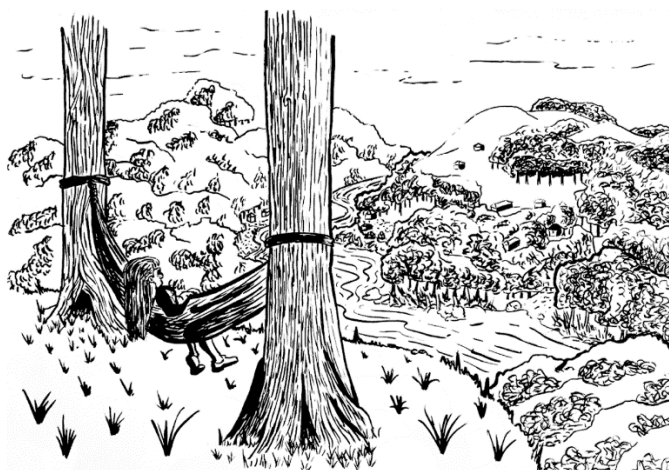


Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Porto, 2021

CICLO DE ESTUDOS 2.º CICLO SOCIOLOGIA

DA ALDEIA PARA O MUNDO: EXPERIÊNCIAS DA CASA D'ABÓBORA PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL



Fonte: João Costa

Camille Girouard

M

2021



Camille Girouard

Da Aldeia para o mundo: Experiências da Casa d'Abóbora para o desenvolvimento sustentável

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Sociologia, orientada pela Professora Doutora Paula Guerra e coorientada pela Professora Doutora Glória Diógenes

Faculdade de Letras da Universidade do Porto
Setembro de 2021

Camille Girouard

Da Aldeia para o mundo: Experiências da Casa d'Abóbora para o desenvolvimento sustentável

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Sociologia, orientada pela Professora Doutora Paula Guerra e coorientada pela Professora Doutora Glória Diógenes

Membros do Júri

Professor Doutor (escreva o nome do/a Professor/a)

Faculdade (nome da faculdade) - Universidade (nome da universidade)

Professor Doutor (escreva o nome do/a Professor/a)

Faculdade (nome da faculdade) - Universidade (nome da universidade)

Professor Doutor (escreva o nome do/a Professor/a)

Faculdade (nome da faculdade) - Universidade (nome da universidade)

Classificação obtida: (escreva o valor) Valores

Assim, conduzida por uma luz ao acaso, como de alguma estrela surgida no céu, de um navio à deriva, ou talvez mesmo do Farol, com seu pálido reflexo sobre os degraus e o tapete, a tênue brisa subia a escada e se intrometia pelas portas dos quartos. Mas, chegando ali, era obrigada a se deter. Tudo o mais pode findar e perecer — mas o que repousava ali era imutável. E podia-se dizer a essas luzes resvaladiças e a essas lúdicas brisas que sopram e se curvam até mesmo sobre a cama: isso vocês não podem nem tocar, nem destruir. (Woolf, 2016: 119)

ÍNDICE

Declaração de honra.....	8
Agradecimentos.....	9
Resumo.....	10
Abstract.....	11
Índice de Figuras.....	12
Índice de Tabelas.....	13
Lista de abreviaturas e siglas.....	14
Introdução. Da Aldeia para o mundo.....	16
Capítulo 1. [RE]descobrimos as baixas densidades e transformando em altas potências.....	21
1.1 Das Sinfaniadas à Cinfães.....	22
1.2 A Casa d'Abóbora.....	28
Capítulo 2. Territórios com paragens feitas de alma.....	35
2.1 Culturas, heranças e economia criativa.....	35
2.2 Aberturas, potências e turismo criativo.....	42
2.3 Artes, ativismo e residências artísticas.....	47
Capítulo 3. O desenho de um caminho metodológico com uma meta.....	51
3.1 Definição de um trajeto.....	51
3.2 Mapa para um percurso.....	54
Capítulo 4. A constituição de um guião de viagem: apresentação e análise dos dados.....	59
4.1 Novas taxonomias.....	59
4.2 Território, turismo e patrimônios.....	64
4.3 Residências artísticas e desenvolvimento sustentável.....	71
4.4 Desenho de futuros sustentáveis....	77
Capítulo 5. Remates finais.....	80
Referências Bibliográficas.....	84
Anexos.....	90

Declaração de honra

Declaro que a presente dissertação é de minha autoria e não foi utilizado previamente noutro curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição. As referências a outros autores (afirmações, ideias, pensamentos) respeitam escrupulosamente as regras da atribuição, e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referência. Tenho consciência de que a prática de plágio e auto-plágio constitui um ilícito académico.

Porto, dia 30 de setembro, 2021

Camille Girouard

Agradecimentos

À Professora Paula Guerra por incentivar e à Professora Glória Diógenes pelo olhar. À equipe Tempo de Hermes Brasil – Cláudia Leitão, Germana Guilhermme, Luciana Guilherme, Marcos Hirano, Raquel Gondim e Thiago Fernandes – por semear, juntos, projetos que contribuem para um mundo mais criativo e sustentável. À comunidade do Lugar Aldeia pela acolhida e aprendizados da vida no campo. Às associações da região de Cinfães. À Joana Salgado da Cerdeira - Home for Creativity. Ao Senhor ex-vereador da Câmara de Cinfães Pedro Semblano. À associação juvenil e minha eterna morada Casa d'Abóbora, responsável pelo estímulo e força no desenvolvimento dessa pesquisa. À minha família, que mesmo à distância esteve sempre presente na minha jornada em Portugal. E em destaque, minha mãe, Cláudia Leitão, que alimenta meus sonhos e me faz acreditar num mundo melhor.

Resumo

As possibilidades de desenvolver experiências criativas em zonas de baixa densidade e isoladas do *mainstream* urbano são os desafios encontrados pelas associações, comunidades e grupos que despertam por meio da criatividade um crescimento autêntico de projetos e empreendimentos que conectam seu território ao mundo. Assim, o presente trabalho evidencia a jornada de quatro jovens que migram para uma zona de baixa densidade situada no Lugar Aldeia no concelho de Cinfães, Viseu, durante a pandemia Covid-19 provocando uma reflexão sobre as oportunidades da então associação juvenil Casa d'Abóbora que propõe atividades por meio das artes, ecologia, cultura e turismo apresentar um novo olhar sobre o desenvolvimento sustentável local. As residências artísticas são o ponto estratégico para imersão de artistas e aspirantes numa zona de baixa densidade, expandindo, assim, novos olhares e cocriações em territórios desertificados. Sendo esse um dos desafios da associação juvenil Casa d'Abóbora de atrair um novo público que crie dinâmicas artísticas e criativas no lugar de Aldeia e em comunhão com a comunidade local, tornando a zona mais viva e próspera. Esse estudo de caso alargado sugere definições e observações sobre os conceitos de economia criativa e turismo criativo a partir das experiências da Casa d'Abóbora para o desenvolvimento sustentável reforçando as estratégias, ferramentas e novas epistemologias para o amadurecimento coerente de futuros sustentáveis no século XXI em territórios e comunidades de baixa densidade.

Palavras-chave: Zona de baixa densidade, Economia Criativa, Turismo Criativo, Residências Artísticas, Sustentabilidade.

Abstract

The possibilities for developing creative experiences in low-density areas and areas of the urban mainstream are the challenges faced by associations, communities and groups that awaken through creativity an authentic growth of projects and ventures that connect their territory to the world. Thus, this work highlights the journey of four young people who migrate to a low-density area located in Lugar Aldeia in the municipality of Cinfães, Viseu, during a Covid-19 pandemic, provoking a reflection on the opportunities of the then youth association *Casa d'Abóbora* that proposed activities through the arts, ecology, culture and tourism present a new look at local sustainable development. The artistic residencies are a strategic point for immersing artists and aspiring artists in a low-density area, thus expanding new perspectives and co-creations in desertified territories. This being one of the challenges of the *Casa d'Abóbora* youth association to attract a new audience that creates artistic and creative dynamics in Aldeia place and in communion with the local community, thus making the area more alive and prosperous. This extended case study determined and examined the concepts of creative economy and creative tourism from the experiences of *Casa d'Abóbora* for sustainable development, reinforcing strategies, tools and new epistemologies for the coherent maturation of sustainable futures in the 21st century in low-density territories and communities.

Key words: Low-density zone, Creative Economy, Creative Tourism, Artist Residencies, Sustainability.

Índice de Figuras

Figura 1 - Alguns elementos patrimoniais de Cinfães: a Igreja Matriz de Cinfães e a vista das eiras da região de Cinfães.....	23
Figura 2 - Monumento arqueológico megalítico “As Mamoas de São Pedro” na freguesia de Tendais e inscrições da capela de São Vicente da Granja de Nespereira.....	23
Figura 3 - Homem na praça da Igreja Matriz de Cinfães nos anos 50; Cartão postal sem data dos pequenos barcos do Rio Douro em travessias; Mulher em Chaves levando carga de carvão e homem levando matéria prima para queimar.....	24
Figura 4 - Mapa interativo do concelho de Cinfães com devidas orientações de patrimônios culturais e naturais.....	25
Figura 5 - Capa de um roteiro turístico do Douro da autoria de Maria Adelaide Lima Cruz (1908-1985), da geração modernista portuguesa e Capa Revista Beira Alta (vol. LXX) apresentando família a manusear o linho.....	27
Figura 6 - Integrantes da Casa d’Abóbora; da esquerda para direita: João Costa, Nali Sáenz, Camille Girouard e Joana Faria.....	29
Figura 7 -Eira: Disposição do solo para facilitar cultivo e plantação agrícola.....	30
Figuras 8 -Tradição local: Aspecto de trabalhos do linho em Piães e Mulheres da Gralheira, início do século XX.....	36
Figura 9 - Tradição local: Cróssa, o traje de inverno em Vale de Papas e Casa-moinho de colmo, tradicional em Montemuro.....	37
Figura 10 - Organograma das interligações entre os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, a Quadrupla Hélice o núcleo-duro: a cultura.....	40
Figura 11 - Re-Conectar Associações, 2021.....	59
Figura 12 - Postas de janeiro do projeto PS:Aldeia – primeiro projeto da Casa d’Abóbora.....	67
Figura 13 - Horta e trabalho em campo da Casa d’Abóbora com moradores da Aldeia.....	68
Figura 14 - Atividades artísticas na Associação ADACC, 2021.....	72
Figura 15 - Organograma de atividades e ações que compõem um território criativo.....	77
Figura 16 - Encontro da Federação Nacional das Associações Juvenis, Lisboa, 2021.....	80

Índice de Tabelas

Tabela 1 - Indicadores de população do concelho de Cinfães.....	53
Tabela 2 - Grelha de entrevistados.....	54

Índice de Gráficos

Gráfico 1 - Apuração de respostas sobre qual turismo consome mais.....	63
Gráfico 2 - Apuração de respostas sobre grau de importância dos patrimônios.....	64
Gráfico 3 - Apuração de respostas sobre grau de interferência no território como turista.....	65
Gráfico 4 - Apuração de respostas relevância dos projetos de residências artísticas.....	69
Gráfico 5 - Apuração de respostas sobre interesse em participar de residências artísticas.....	74

Lista de abreviaturas e siglas

ONU	Organização das Nações Unidas
UNCTAD	United Nations Conference on Trade and Development
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
ADACC	Associação Para o Desenvolvimento do Alto Concelho de Cinfães
ODS	Objetivos de Desenvolvimento Sustentável
CREATOUR	Creative Tourism Destination Development in Small Cities and Rural Areas

INTRODUÇÃO. DA ALDEIA PARA O MUNDO

A presente dissertação intitulada *Da Aldeia para o mundo: Experiências da Casa d'Abóbora para o desenvolvimento sustentável* debruça-se sobre o estudo de caso dos projetos desenvolvidos pelos jovens da Associação Casa d'Abóbora na zona de baixa densidade do lugar Aldeia na freguesia de Ferreiros de Tendaís, inserida no concelho de Cinfães, pertencente ao distrito de Viseu. O estudo engloba as temáticas da criatividade e da cultura, do território e do turismo de experiência, das artes e dos projetos artistas, que resultam nas reflexões sobre economia criativa e turismo criativo como base para futuros mais sustentáveis. O estudo científico desta dissertação possui o intuito de analisar o impacto e valor agregado no desenvolvimento da Casa d'Abóbora no Lugar Aldeia para com a região, a comunidade e a sustentabilidade das mesmas.

Esse projeto nasce de um interesse pessoal da investigadora que migrou para o lugar Aldeia por reviravoltas decorrentes da pandemia mundial Covid-19 detetada em março de 2020; assim, em conjunto com mais três amigos, restauraram uma casa rústica e formalizam-se como *Casa d'Abóbora*, um grupo informal de jovens, que, posteriormente, se formalizou como associação juvenil que fomenta atividades sócio-culturais-ambientais para o desenvolvimento local por meio de diversas iniciativas. O recorte nessa pesquisa são os projetos desenvolvidos a partir das artes, da agricultura e dos patrimônios locais juntamente com a comunidade e trânsitos de pessoas que vão experienciar esta zona de baixa densidade, oferecendo à região um olhar inovador além dos benefícios tangíveis e intangíveis das iniciativas. Portanto, fundamentado nessa premissa, a reflexão dessa pesquisa vai de encontro com a nova realidade da investigadora e suas atividades profissionais.

Trata-se de uma investigação para a ação, onde a investigadora tem um lugar chave fundado na dupla hermenêutica de ser, simultaneamente, sujeito e objeto de estudo. Este lugar de investigação onde esteve imersa durante um ano permitiu o desenho e operacionalização desta dissertação que mais do que soluções, apresenta pistas para as possibilidades de desenvolvimento cultural e criativo de uma zona de baixa densidade seguindo de perto as políticas e orientações de política para o desenvolvimento prefiguradas na última década (Silva, Babo & Guerra, 2015). A presente dissertação reflete a multidisciplinaridade da economia criativa que incentiva o turismo de experiência em territórios de baixa densidade aliada a projetos com propósitos de

acolhimento, de cooperação, de mediação e de memória ativando recursos endógenos locais (Guerra, 2020a). Sendo assim, o grande objetivo dessa investigação é uma reflexão sobre as novas terminologias de turismo, de criatividade, de património e de cultura que fortalecem uma economia sustentável. Portanto, pretende-se articular os compromissos da Associação Casa d'Abóbora com as ressignificações territoriais no âmbito da economia do futuro: criatividade e cultura, turismo de experiência e património, inovação e sustentabilidade. O primeiro capítulo inicia-se com a contextualização da região no concelho de Cinfães com sua história e memória. Se “recordar é viver” já diria o poeta e músico português Victor Espadinha, compreender o percurso sócio- histórico da região de Cinfães que está aos pés do Rio Douro é revelador para identificar as identidades e características da população, do território e suas nuances (Guerra & Menezes, 2021).

A preservação do património material, natural e imaterial da região estimulam as diretrizes e projetos da Casa d'Abóbora que identifico nesta dissertação. Em sequência deste capítulo, é apresentado o trilhar da Associação que se instala no Lugar Aldeia, pequena vila de menos de 30 habitantes e transformam a vida pessoal de cada integrante como também confere novas perspectivas de ações profissionais junto à comunidade. A relação intergeracional com a população de Aldeia é consolidada aos poucos como quem semeia para ver frutos. O respeito para com a cultura local, a rotina bucólica e familiar, as dificuldades e gozos da relação direta com a natureza e a terra faz a Casa d'Abóbora entrar em comunhão com Aldeia e assim, além do sonho, concretizar atividades que promovem a sustentabilidade do território como também a conexão com a comunidade.

No capítulo seguinte, mergulho no marco teórico com pontes de conexão nos conceitos de criatividade, cultura e heranças que refletem nas linhas de pensamento sobre economia da cultura ampliando-se para a economia criativa e os setores criativos relacionados; epistemologias relevantes para o desenvolvimento social, económico, cultural e ambiental que transformam as estruturas sociais. Os ativos tangíveis e intangíveis dessa economia criativa estão diretamente estruturados no fomento de seus bens e serviços correlacionados ao turismo e as promoções do território. Em sequência, apresento as definições de turismo e quais segmentos são identificados como um turismo de experiência em que a base de destino e base de atividade são proporcionais ao desenvolvimento regional e fortalecimento das economias locais. O estudo transita entre o tradicional turismo de massa e consumo, desconstruindo-se nos novos meios de turismo

sendo eles de base comunitária e criativa. Meios de traduzir o lazer para uma experiência única e imersiva no destino escolhido de forma acolhedora, humana e de respeito com o local. Isto posto, apresenta-se as artes como conector dos territórios e das estruturas sociais gerando o ativismo, conceito que atravessa a estética e propõe uma reflexão profunda sobre questões sociais, culturais, políticas, económicas e ambientais. O ativismo nasce como ferramenta artística para democratizar e incluir diferentes vozes em prol dos futuros sustentáveis desejáveis. Sendo então a residência artística uma faceta desse manifesto; espaço comum para a produção e realização de produtos artísticos que agregam indivíduos, conectam saberes e diversificam os processos de experiência com o território e com a comunidade cada vez mais presente em zonas de baixa densidade. Na verdade, subjaz aqui uma perspectiva reflexiva crítica acerca da criatividade que passa pelo entendimento de da iniciativa aqui objeto de estudo como paradigmática para o avanço de conhecimento acerca dos processos de desenvolvimento. Assim, na esteira de Paula Guerra, defendemos que:

A ideia de que as indústrias e mais concretamente, que a implementação de cidades criativas, deve ser o modelo a seguir por todo o mundo, é errada. Uma reformulação do conceito de cena e um novo entendimento da sua relação com o espaço físico, permitirá a construção e a difusão de representações, não só sobre a cena musical em si, como também sobre os seus membros e sobre os espaços onde estes se reúnem e partilham experiências. Os sons do Sul vêm confirmar como estas cenas musicais são a face mais visível dos jovens e da sua criatividade urbana (...), ao invés das ditas cidades criativas que acabam mascaradas em processos administrativos e legais, sendo tidas como um elemento de instrumentalização dos governos políticos. O empreendedorismo assume a forma de um ethos *Do It Yourself* e os equipamentos culturais passam a ser os lugares privilegiados para os jovens pronunciarem as suas vozes, demarcando-se, resistindo e lutando contra todos os fenómenos sociais que os diferenciam do resto do mundo (2020a: 58).

No terceiro capítulo apresenta-se o caminho metodológico tendo como base um estudo de caso alargado com princípios de pesquisa-ação com foco na análise qualitativa, numa perspectiva etnográfica e de reflexão auto etnometodológica, já que a pesquisadora se encontra imersiva no conteúdo e foco da investigação. A estrutura do estudo foi baseada em entrevistas semidiretivas entre *stakeholders*, entidades públicas e técnicos, como também inquéritos abertos à população, recolha de dados documentais, exploração fotográfica, registros de observação, espaços e contato direto com a comunidade de Aldeia para maior aprofundamento do estudo. O objetivo dessa investigação é analisar os métodos alternativos de economia, desenvolvimento social e territorial de forma sustentável e de impacto positivo para com o planeta e a sociedade. Portanto, os projetos de residência artística são polos de acolhimento, mediação, cocriação e memória que

fortalecem o desenvolvimento social atravessando as velhas economias e ampliam as alternativas sustentáveis das estruturas sociais a partir das artes. Por consequência dos novos métodos de consumir e experienciar culturas e espaços, discorro sobre a *biodiversidade cultural* e *tecno-diversidade cultural* que são intrínsecos da sustentabilidade em todas as categorias. As metodologias e processos de pesquisa e inovação repercutem na sociedade contemporânea que já são reconhecidas em entidades públicas e privadas como ações fundamentais para com a sociedade e o planeta.

A Agenda 2030¹ e os 17 ODS², tal como as chancelas da Rede UNESCO³ de Cidades Criativas⁴, projetos associativos, microempresas, entre outros movimentos que reforçam uma metodologia criativa e sustentável que refletem na busca por novas estruturas sociais, culturais e económicas. Assim como, faço uma análise crítica sobre a complexidade e amplitude do turismo criativo junto à economia criativa que em passos pequenos, porém significativos, redesenham um território, dão visibilidade de forma inclusiva das comunidades e resultam na consciência ambiental, democracia participativa e desenvolvimento sustentável.

A jornada final reflete sobre futuros sustentáveis e a correlação com o património comunitário. Ou seja, as novas organizações sociais que propõe o cuidado como chave de preservação dos patrimónios materiais e imateriais do seu território. A sustentabilidade do desenvolvimento local é um processo endógeno em pequenas regiões que para ser consistente deve promover a visibilidade local e preservar seus recursos naturais. Para Landry e Bianchini (1995) uma cidade criativa pode ser entendida como o espaço que estimula e incorpora uma cultura de criatividade no modo como os *stakeholders* urbanos atuam.

¹ A Agenda 2030 é uma continuação dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (2000-2015). Trata-se de uma agenda universal que assenta em 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) e 169 metas a implementar por todos os países.

² A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável da Organização das Nações Unidas é constituída por 17 ODS e foi aprovada em setembro de 2015 por 193 membros, resultando do trabalho conjunto de governos e cidadãos de todo o mundo para criar um novo modelo global para acabar com a pobreza, promover a prosperidade e o bem-estar de todos, proteger o ambiente e combater as alterações climáticas.

³ Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

⁴ Rede de Cidades Criativas promove a cooperação com e entre as cidades que identificaram a criatividade como um fator estratégico para o desenvolvimento sustentável.

Em conclusão, esta pesquisa reflete sobre as *novas epistemologias do Sul*, já diria Boaventura de Sousa Santos (2010), contribuindo no discurso *para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências* (2002), apresentada pelo mesmo autor, alertando sobre a disrupção necessária entre o sistema capitalista ocidental formatado por poucos e os novos movimentos criativos - já que a criatividade vem de uma necessidade. O potencial das economias locais - fonte de riquezas culturais e criativas das comunidades invisíveis - é o de dar perspectivas inovadoras pela troca de experiência por meio da diversidade cultural, inclusão social, inovação e sustentabilidade.

CAPÍTULO 1. (RE) DESCOBRINDO AS BAIXAS DENSIDADES E TRANSFORMANDO-AS EM ALTAS POTÊNCIAS

A amena região onde em favores os Deuses se esmeram (Saraiva, J. *Sinfanías*, 1938: 13).

A estruturação de um território é contributo, especialmente, da memória coletiva como caminho de preservação de seus direitos como grupo, percurso histórico e cultural. Essa consciência, afirma Myrian Santos, como “a memória não é só pensamento, imaginação e construção social, ela é também uma determinada experiência de vida capaz de transformar outras experiências, a partir de resíduos deixados anteriormente” (Santos, 2003: 25). Nesse sentido, é reconhecido o cuidado por território com implementação de áreas naturais protegidas, zonas diversificadas, entre outros, em que as estratégias das ações coletivas reforçam uma base de recursos comuns e propriedades comuns. Ferreira (2014) ressalta que os conflitos são inerentes e necessários para as mudanças, reforçando a criação de instituições de autogestão e auto governança que não se opõem ao sistema maior, mas possuem sua própria metodologia para com as bases de recursos comuns - aspectos físicos e biológicos dos recursos naturais e, propriedade comum - forma de utilização dos recursos geridos. Regime de propriedade comum se manifesta sob a forma de arranjos institucionais em que grupos dividem direitos e responsabilidades sobre sistemas de recursos privatizados para usufruto compartilhado (Rodrigues, 2009).

Segundo a economista Elinor Ostrom (1990), o bem comum é um imenso conjunto de bens materiais e espirituais que formam o patrimônio de uma sociedade. A geografia, a água, as riquezas naturais, as infraestruturas, o transporte, a comunicação, a educação, a saúde, o patrimônio cultural e artístico, a ordem pública, a honestidade das instituições, tudo isso é bem comum da sociedade. Um território criativo é aquele que reconhecer os bens comuns locais, e que cria as condições necessárias para o aprendizado, a experimentação e a colaboração. Afinal, a experimentação é o *locus* privilegiado da produção de conhecimento e da transformação social.

As inter-relações da cultura da mediação, da hospitalidade, da cooperação e da memória são pilares para a gestão coletiva dos recursos comuns, regulamentando em seu território, por exemplo, o turismo criativo que protege contra a degradação e exploração de agentes externos. Banducci (2003) menciona que “o turismo pode constituir-se numa

fonte de informações que visa mobilizar as pessoas do local para que se envolva com sua própria história” (Banducci, 2003: 125). Portanto, a (re)construção contínua da memória social e a narrativa de sua própria história é fundada numa ação política em que resgata, protege e projeta um futuro criativo, inovador e sustentável.

1.1 Das Sinfaniadas a Cinfães

Corre o Bestança em saltos espumosos
Entre alcantis cobertos de verdura;
E seus remansos frescos e piscosos retratam laranjais em linfa pura.
Trepam cêpas por troncos vigorosos
De cerejeiras, ciosas da doçura
De seus frutos, nas margens onde a gente
No paraíso terreal se sente!
(Saraiva, 1938: 17)

Cinfães é a freguesia-sede do concelho e está situada no distrito de Viseu, região Norte de Portugal conhecida como território Douro Verde. Subdividida em 14 freguesias, o concelho de Cinfães está inserido em uma zona agrícola com força nas tradições e costumes locais, o património natural, material e imaterial são agentes que intensificam sua identidade local. No que diz respeito à herança, a região de baixa densidade possui importante património edificado, além de igrejas românicas, como também fauna e flora com um dos rios mais limpos da europa - o rio Bestança, que é exclusivamente cinfanense - nasce nas aldeias serranas e desagua no rio Douro. A serra de Montemuro, com um pico de 1380 metros de altitude, é a oitava maior elevação de Portugal. Espaço de excelência para os bovinos da raça arouquesa, é hoje um dos locais com maior presença da ruralidade. O Vale do Bestança e o Vale do Rio Paiva, com belezas ímpares, exibem ainda formas naturais repletas de verdes prados, ribeiras e riachos, bem como as mais verdadeiras amostras da biodiversidade ibérica - numa envolvente repleta de encantos protegidos à invasão.



Figuras 1. Alguns elementos patrimoniais de Cinfães: a Igreja Matriz de Cinfães e a vista das eiras da região de Cinfães

Fonte: Autora.

Com raízes na pré-história, Cinfães possui histórico pré-celta do paleolítico, povos nômades de origem africana: capsenses e berberes, que migram e se espalham pela Ibéria deixando vestígios na área do município de Cinfães. Pelos séculos IX e VIII a.C., dá-se a primeira ocupação celta que se misturam com outros povos, resultando os lusitanos da idade do ferro que escolhem as montanhas para fixarem-se por estratégia de proteção às constantes invasões. Reconhecemos ainda hoje inúmeros monumentos megalíticos, sarcófagos, túmulos, arte rupestre, menir, estruturas, entre outros que marcam a trajetória de ocupação da região de Cinfães; no anexo abaixo alguns exemplos.



Figuras 2. Monumento arqueológico megalítico “As Mamoas de São Pedro” na freguesia de Tendais e inscrições da capela de São Vicente da Granja de Nespereira

Fonte: Blog História de Cinfães.

No século VI a.C., com o rio Douro como rota comercial para o mercado grego, marcam território entre hispânicos e romanos crescendo os primeiros povoados em forma de vias e cidades interligados por estradas e pontes medievais que ainda hoje são identificadas e conservadas na região do concelho. A diversidade e marcas históricas da região de Cinfães envolvendo personalidades como D. Egas Moniz, senhorio e membro da corte de D. Afonso Henriques, primeiro rei de Portugal que teve sua infância em Cinfães, além do General Alexandre Serpa Pinto⁵, explorador que em expedição à África registrou e escreveu seu conhecimento para o mundo. Com um conjunto de marcas do tempo, a região de Cinfães possui uma vasta história que é presente até hoje, influenciando a preservação da mesma por entidades públicas, associativas e civis, além dos modos de vida local que protegem seus patrimónios e tradições culturais.



Figuras 3. Homem na praça da Igreja Matriz de Cinfães nos anos 50; Cartão postal sem data dos pequenos barcos do Rio Douro em travessias; Mulher em Chaves levando carga de carvão e homem levando matéria prima para queimar

Fonte: Blog História de Cinfães.

História secular que acompanha o desenvolvimento territorial e populacional da região, “Cinfães cresce” (Ferreira, 1994) e potencializa a relação entre cultura, história,

⁵ Alexandre Alberto da Rocha de Serpa Pinto, 1.º Visconde de Serpa Pinto, foi um militar, explorador e administrador colonial português marcado em Cinfães.

natureza, comunidade e turismo. Percebe-se ao atravessar a Ponte de Mosteirô em Baião, aos pés do Rio Douro, a transformação sensorial ao longo do trajeto de subida à montanha desenhada por vilas e aldeias que vivem o seu próprio tempo.



Figuras 4. Mapa iterativo do concelho de Cinfães com devidas orientações de patrimônios culturais e naturais

Fonte: Câmara de Cinfães.

As áreas rurais e pequenas, antes percebidas como passivas e dependentes no contexto da economia global, agora são entendidas como capazes de gerar inovação e contribuir para o desenvolvimento futuro. Embora distantes dos grandes centros culturais e financeiros, as novas tecnologias digitais permitem superar as barreiras da comunicação e desenvolver mais atividades no meio rural (Roberts & Townsend, 2016).

Durante a pandemia Covid-19, as regiões rurais e de baixa densidade ofereceram grandes incentivos ao turismo e suas atividades locais, como também se assumiam como destino para melhor qualidade de vida. Desta forma, quebra-se o discurso que a cidade urbana é polo para o desenvolvimento social e profissional, atribuindo então protagonismo às regiões rurais, visto que as conexões profissionais, educacionais e pessoais, no momento atual de pandemia, necessitam estritamente da rede *wireless*. Apesar do grande êxodo rural reconhecido mundialmente para buscar melhores oportunidades e condições de vida, os novos tempos de pandemia com incertezas de futuros, paralisação de circulação de pessoas e novos métodos de comunicação e trabalho instaladas estimulam um novo olhar para as possibilidades de regressar ao campo ou simplesmente dar-se a oportunidade de mudar seus princípios e meios de vida. O trânsito de pessoas aderindo a vida no campo gera demandas de infraestrutura, ainda sensíveis à realidade rural, porém benéficas à população local por decorrência dos novos habitantes,

novas interações e atividades que fortalecem a comunidade-base do território, suas produções locais, e por consequência aproximando turistas para experiências imersivas e memoráveis.

O desafio para estas regiões consiste em conseguir, num mercado turístico exigente e heterogêneo, desenvolver ofertas diferenciadas que correspondam à necessidade de experiências únicas e memoráveis que os visitantes procuram e criar emoções e memórias positivas que promovam o apego ao local. (Gonçalves, Marques, Tavares, Cabeça & Moreira, 2020: 21).

Considerando a temática do mercado turístico, importa destacar a importância de projetos como o CREATOUR - Desenvolver Destinos de Turismo Criativo em Cidades de Pequena Dimensão e Áreas Rurais. Este projeto assume-se como uma iniciativa de investigação multidisciplinar entre organizações culturais/criativas e outras colaborações localizadas em pequenas cidades nas regiões Norte, Centro, Alentejo e Algarve. Tendo em vista o caso específico de Cinfães, podemos de certo modo aferir que as iniciativas do CREATOUR estimulam atividades e processos em zonas de baixa densidade, como por exemplo em aldeias (Duxbury, 2020). Assim, apesar dos desafios e fragilidades dessas comunidades, a linha de abordagem do projeto fomenta novos métodos de desenvolvimento e fomento de um território sustentável.

O valor simbólico e económico, apresentado pelos moradores e produtores locais, em relação aos visitantes é único, no sentido em que este projeto e esta iniciativa oferece uma experiência diversificada junto destes contextos locais e em relação aos seus bens e serviços (Duxbury, 2020). Esses desafios são os que estão na base desta investigação que, por sua vez, propõe explorar e observar etnograficamente a região, com o intuito de propor ações diretas e inovadoras do ponto de vista da Associação Casa d'Abóbora, na qual a investigadora participa, desenvolvendo uma reflexão sobre novas possibilidades e inserções das economias culturais e criativas (Silva, Babo & Guerra, 2015) relacionadas ao turismo de experiência, a partir da troca e metamorfose de novos olhares em espaços como o concelho de Cinfães.



Figuras 5. Capa de um roteiro turístico do Douro da autoria de Maria Adelaide Lima Cruz (1908-1985), da geração modernista portuguesa e Capa Revista Beira Alta (vol. LXX) apresentando família a manusear o linho

Fonte: Blog História de Cinfães.

A economia cultural e criativa (Guerra, 2020b), por conseguinte, possui um impacto direto nos processos de formulação identitários e no crescimento local da população, mas também do território e da economia local. A evolução do turismo cultural e do turismo criativo dá-se pelo ponto de vista de quem apresenta o lugar, sendo um guia cultural contratado para apresentar ao turista uma série de atividades ou para proporcionar uma experiência direta com moradores locais. Deste modo, pretende-se demonstrar que os espaços rurais são ricos em influências ancestrais, naturais e culturais.

O reconhecimento da criatividade como pré-requisito da inventividade humana remete ao economista e ex-ministro da cultura do Brasil, Celso Furtado, uma vez que este evidenciava a relevância das manifestações culturais decorrentes da criatividade humana, ou seja, o mesmo aferia que as estruturas sociais que desenham um território e uma comunidade estão diretamente ligadas às essências culturais e identitárias, que em zonas de baixa densidade, percebe-se que não há força de gentrificação, cada vez mais comum nos polos urbanos.

Na fase em que nos encontramos, de explosão dos meios de comunicação, o processo de globalização do sistema de cultura terá que ser cada vez mais rápido, tudo nos leva a crer que estamos fechando o ciclo que se abriu no século XVI. Todos os povos lutam para ter acesso ao património cultural comum da humanidade, o qual se enriquece permanentemente. Resta saber quais serão os povos que continuarão a contribuir para esse enriquecimento e quais aqueles

que serão relegados ao papel passivo de simples consumidores de bens culturais adquiridos nos mercados. Ter ou não ter direito à criatividade, eis a questão. (Furtado, 1984: 25).

O paradoxo entre territórios globalizados massificados e entre zonas rurais e de baixa densidade “excluídas” de condições propícias para a melhoria do desenvolvimento local e qualidade de vida das comunidades, reforçam a reflexão sobre a possibilidade de emergirem projetos como o da associação juvenil Casa d’Abóbora. Esta associação busca o *know-how* para o resgate e para a fortificação da criatividade, cultura, turismo e sustentabilidade, sendo estes eixos diretamente apontados como impactos multidisciplinares que fomentam atividades inerentes à prosperidade económica da região de Cinfães. A consciência ambiental, a democracia participativa intergeracional e o desenvolvimento sustentável são identificados pela Casa d’Abóbora como sendo fundamentais para romper as barreiras entre territórios urbanos e rurais, procurando um maior equilíbrio e coerência no desenvolvimento de ações que inter-relacionem grupos, coletivos, turistas, agentes culturais e gestores públicos a favor das comunidades locais e trânsitos de pessoas para a sustentabilidade dos territórios.

1.2 A Casa d’Abóbora

Primeiro estranha-se depois entranha-se
Fernando Pessoa
(aforismo, 1930).

A Casa d’Abóbora surgiu de forma informal – em outubro de 2020 -, através de um grupo de jovens, residentes em Cinfães - Camille Girouard, Joana Correia Faria, João Filipe Gomes Costa e Nali Saenz. Durante a pandemia COVID-19, este grupo de amigos reuniu-se após uma visita ao lugar de Aldeia em Ferreiros de Tendaís em março de 2020. O processo de mudança para esta região foi intenso e teve início em julho de 2020, quando se iniciou o processo de restauração de uma casa centenária da família de Joana Faria para ali ocuparem e abrirem a Casa d’Abóbora⁶. Desde então, foi fundada a Associação Juvenil, a 29 de abril de 2021, criando pontes entre a cidade do Porto e o lugar de Aldeia, em Cinfães. Trata-se (e tratou-se) de um processo interessante de (re)significação dos

⁶ Nome em homenagem aos bisavós que plantavam abóboras no terreno da casa e eram reconhecidos pelo apelido. A tradição de reconhecer famílias de pequenas aldeias por apelidos: os Ventos, os Batatas, os Abóboras, etc.

princípios da vida quotidiana e ocupação consciente do espaço rural para semear boas ideias e projetos a longo prazo – sempre norteado pela perspectiva do desenvolvimento sustentável apontado por algumas iniciativas emblemáticas europeias e mundiais.



Figura 6. Integrantes da Casa d’Abóbora; da esquerda para direita: João Costa, Nali Sáenz, Camille Girouard e Joana Faria

Fonte: Autora.

Ferreiros de Tendais é uma freguesia do concelho de Cinfães, com uma área de 16 km², a 650 metros de altitude em relação ao rio Douro e com 695 habitantes⁷. Mais ainda, Ferreiros apresenta no brasão da sede o título de “Patrimônio e Natureza”. A estrada principal percorre casas rústicas de pedra, plantação de couves, rebanhos de ovelhas e vacas, vista para as eólicas nas montanhas, lavadouros públicos, elevados de terra, placas com nomes amorosos às ruelas que desenham as vilas e o tocar das igrejas que marcam o tempo na região. Em quinze minutos de caminhada pela estrada principal é possível então chegar ao lugar de Aldeia, onde se situa a Casa d’Abóbora, em que quatro jovens de realidades distintas buscam uma experiência profunda e respeitosa com a comunidade. Estar nesse local é ouvir histórias e *estórias*. Rochas e árvores de grande dimensão fazem a paisagem natural, marcando de forma acentuada as estações do ano.

Nossa Senhora da Livração, padroeira do lugar de Aldeia, está presente nas ruas e nas romarias da pequena capela da região, espaço de comunhão dos poucos habitantes deste lugar e das redondezas. Observar a rotina e as movimentações da comunidade local,

⁷ Dados do INE- Instituto Nacional de Estatística, 2011.

reforça a resiliência e recolhimento no inverno. A força de quem vive no campo e possui atividades manuais para um conforto mínimo determina a rotina no campo rural. Lenha, ovelhas, estufas, hortas, limpeza dos terrenos, carregamento de água na fonte, lavatório de roupa, entre outros são elementos constantes e reconhecidos no dia-a-dia das pequenas aldeias da região.



Figura 7. Eira: Disposição do solo para facilitar cultivo e plantação agrícola
Fonte: Autora.

A integração no seio da comunidade local do lugar de Aldeia, maioritariamente idosa e com cerca de 30 habitantes, assentou na absorção de experiências e de realidades distintas, incentivando um olhar integrador e de paixão para projetar ideias e iniciativas que valorizem a comunidade local, mas que também seja referência para outros jovens e comunidades. Desta forma, a pesquisa de investigação da Casa d’Abóbora assenta na seleção de metodologias ação direta e de intervenção junto com a comunidade, facilitando a observação, a exploração, o mapeamento e o trabalho de ação. O aforismo clássico “estranha-se depois entranha-se” de Fernando Pessoa reforça o contato inicial dos jovens com o lugar. Inicialmente, os olhares, as curiosidades e as dúvidas atraíam a comunidade e incentivavam a comunicação desta com os jovens e após a constante rotina no verão de 2020 na restauração da casa familiar de Joana Faria, a comunidade surpreendeu-se com a sua evolução, mas também com a rutura com os padrões de género que pautavam as atividades (homens lavam roupa no tanque, mulheres serram madeira. A novidade é o ponto que une a comunidade aos jovens, despertando assim uma relação intergeracional

de respeito e de novas vivências. A Casa d'Abóbora é uma comunidade de amigos e parceiros que partilham dos mesmos valores para o desenvolvimento sustentável, isto é, a ação social e a criação de projetos intergeracionais, assentes na partilha e na colaboração, na importância da comunidade e na ecologia. Paralelamente, também se destaca um olhar mais consciente sobre o planeta e as relações sociais, - valorizando e preservando o património material e imaterial da região - que traz, por meio da criatividade, novos olhares e novas perspetivas para projetos locais.

Os projetos iniciaram-se durante o confinamento provocado pela pandemia da Covid-19 e foram produzidos de acordo com as possibilidades e restrições do momento. Desde logo podemos estabelecer uma relação com o que nos propõem Guerra (2020), quanto ao facto de as indústrias criativas assentarem em fortes redes sensíveis, responsáveis pelo fomento do desenvolvimento económico, social, turístico e cultural. Assim, podemos enunciar que o primeiro projeto, intitulado *PS: Aldeia*, teve como estratégia a curadoria, criação e produção de postais através de provérbios populares associados aos meses do ano e integrando imagens de artistas portugueses. O principal objetivo deste projeto era o de facilitar o início da relação com a comunidade local, sem contato físico, ao passo que se promovia uma certa autonomia para a realização e para a distribuição dos postais por todo o mundo, estando assim presente uma lógica económica. Já o segundo projeto, intitulado *Re-Conectar Cinfães*, teve como premissa a conexão de todas as associações da região de Cinfães para possíveis colaborações e cocriações. Este projeto realizou-se virtualmente, devido às restrições da pandemia, e teve como foco a comunicação entre as associações da região. Em paralelo, o projeto *Atividades na ADACC* teve como objetivo gerar ocupações criativas para os idosos que passam o dia na Associação Para o Desenvolvimento do Alto Concelho de Cinfães (ADACC).

Este projeto procurou promover o dinamismo e a novidade entre os jovens, os idosos e a equipa do centro de apoio. Assim, atividades de permacultura e jardinagem foram desenvolvidas, sob a égide de uma proposta de novos métodos para trabalhar a natureza em respeito ao sistema ecológico, produção e cultivo de plantas autóctones e independência alimentar. Posteriormente, estes conteúdos acerca dos métodos enunciados são disponibilizados nas redes sociais da Casa d'Abóbora com o intuito de demonstrar como usufruir da terra de forma sustentável, abrangendo assim a comunidade local, mas também outros tipos de públicos. Também de referir é o projeto *Museu Ferreiros de*

Tendais em que a Casa d'Abóbora colaborou no processo de montagem, de produção e de manutenção do espaço para a memória da freguesia.

Portanto, são identificados seguidamente projetos que se adaptaram às circunstâncias da pandemia e outros que estão em desenvolvimento a médio prazo. Porém, pode-se afirmar que o ritmo do crescimento dos projetos que envolveram a comunidade local teve êxito já que requisitaram mediação, tempo e respeito. Sendo assim, elencamos os projetos em encaminhamento da Casa d'Abóbora com o propósito de colaborar e cocriar com o lugar de Aldeia:

1. O PS: Aldeia – Curadoria que implicou a criação e a produção de postais com provérbios populares associados aos meses do ano integrando imagens artísticas realizadas na região.
2. O Concurso Literário Cinfães em 100 palavras - iniciativa democrática para toda população de Cinfães para incentivar a escrita, leitura e memória da região.
3. O Documentário N'Aldeia - produto audiovisual de histórias e estória do lugar Aldeia e seus protagonistas.
4. As atividades de permacultura, jardinagem e plantas - proposta de novos métodos para trabalhar a natureza em respeito ao sistema ecológico, produção e cultivo de plantas autóctones e independência alimentar.
5. Os retiros e as residências artísticas que têm como objetivo a promoção do lugar Aldeia como ponto de encontro para as áreas culturais e criativas estimulando a perceção dos estímulos locais para desenvolvimento de produtos integradores e exclusivos.
6. A iniciativa Re-conectar Associações que se assume como um encontro mensal das associações da região para incentivar a colaboração e compartilhamento de ideias para projetos.
7. O Serviço de Informação Europeia à Juventude que se define como uma iniciativa por base do Eurodesk de um espaço de apoio e atividades para a juventude de Cinfães.
8. Os percursos educativos materializados nas caminhadas nos trajetos desenhados pela Câmara de Cinfães de forma interativa e educacional com a técnica de *storytelling*.

9. A Mesa Portuguesa que desenvolve atividades gastronômicas coletivas entre a comunidade.
10. A criação musical através da troca de saberes entre músicos da cidade do Porto e bandas/ranchos folclóricos da região.
11. A compostagem comunitária que estabelece um projeto nas aldeias de composteiras comunitárias para reutilização da matéria orgânica e produção de composto para adubo fértil, matéria muito utilizada na região propondo assim uma economia circular.
12. O Museu do Objeto e do Artesanato da região de Ferreiros de Tendais em parceria com a Associação de Ferreiros de Tendais.
13. A Rede Aldeias de Cinfães reservada ao mapeamento das atividades culturais e turísticas da região de Cinfães.
14. As atividades na Associação para o Desenvolvimento do Alto Concelho de Cinfães ligadas à dança, literatura, cinema, teatro, rodas de conversa, etc..

Esta associação de jovens, em plena pandemia, refletiu (e ainda reflete) sobre alternativas sustentáveis para as zonas de baixa densidade e de grande potencial, a partir dos coletivos e grupos que (re)significam e (re)significam a relação com a comunidade, o território e a cultura local, indo assim além de pressupostos económicos (Guerra, 2020b). Por esses pressupostos, a Casa d'Abóbora movimenta, em 2021, projetos que preservam o património material e imaterial da região integrando a força da identidade local com um olhar inovador dos novos moradores da comunidade. Tal não significa que os projetos anteriormente elencados se desenvolveram todos, mas tão somente que se trata de uma elencagem que aponta para um *caderno de encargos para o desenvolvimento sustentável*. Trata-se de uma empreitada assente na relação entre as implicações económicas, psicológicas e sociais da COVID-19 e os sistemas de empregabilidade e a economia local, verificamos as atividades artísticas, criativas e associativas tornaram (e continuam a tornar) possível vislumbrar um futuro possível num contexto de fragmentação dos sistemas produtivos, culturais e sociabilitários. Trata-se sobretudo de um panorama de agudização das desigualdades, onde as debilidades estruturais de desenvolvimento se amplificaram manifestando-se dramaticamente na estagnação acentuada das zonas de baixa densidade, no recrudescimento das dificuldades económicas

e riscos de pobreza e na emergência de situações críticas permanentes em termos de valorização e potenciação dos ativos patrimoniais e identitários (Cfr. Howard *et al.*, 2021).

CAPÍTULO 2. TERRITÓRIOS COM PARAGENS FEITAS DE ALMA

Ter ou não ter direito à criatividade,
eis a questão”
(Furtado, 1984: 25).

A cidade, enquanto entidade orgânica e mutável, tem evoluído ao longo dos tempos de acordo com as mudanças internas e externas que vão ocorrendo a nível local, regional, nacional e internacional, com consequências evidentes para o seu território e o seu cotidiano. Milton Santos (2004: 294) define o espaço como “um misto, um híbrido” formado pela união de sistemas de objetos e sistemas de ações. Os sistemas de objetos, chamados pelo autor de “espaço-materialidade”, formam as configurações territoriais onde a ação dos sujeitos, racional ou não, vem instalar-se para criar um espaço. Para Pierre Bourdieu (2004), a região é um enunciado, um discurso encontrado em um dado momento histórico que apresenta elementos que procuram consenso e a unificação de grupos. Ou seja, uma região “imaginada”, dado que os meios de comunicação ali presentes tratam de fornecer as informações, que são combustíveis para o espaço. Nesta evolução contínua e sistemática dos territórios, que assumem tipologias cada vez mais diversificadas e complexas, os modos de produção e as relações sociais constituem os principais responsáveis pela transformação das cidades/comunidades ao nível da ocupação do território e desenvolvimento humano.

Duxbury e Jeannotte (2011) defendem uma cultura mais holística focada sobretudo nas dinâmicas sociais e culturais como um todo. E, com o caráter proactivo dos criativos, o território torna-se catalisador de mudanças sociais e desenvolvimento comunitário sempre em busca da sustentabilidade ambiental, social, cultural e económica do território. Este é o grande desafio para a sustentabilidade dos territórios, da cultura e da sociedade que trazem no seu cerne o intangível nos níveis de criatividade como motor para os futuros desejáveis.

2.1 Culturas, heranças e economia criativa

No momento atual, o termo criatividade entrou no vocabulário cultural, social e político, tal como o reconhece Charles Landry (2011). Para destacar a temática descreve: “a criatividade tornou-se um mantra da nossa era, dotada quase exclusivamente de virtudes”.

E mais adiante complementa: “Parece que tudo precisa do prefixo “criativo” (Landry, 2011: 12). A etimologia “criatividade” vem de “criar” que, no latim, *creare*, significa “erguer, produzir”. Como também associada ao conceito de crescer, de aumentar, que se associa a uma relação com o outro ou com o contexto. Ou seja, a criatividade recorre à expressão (“fora de”, “externalizar”) e à comunicação, tornando-se assim um ato comum.

Escreve Landry (2011:11) que:

a precondição para ser criativo é estimular as pessoas a serem curiosas. Com curiosidade é possível desencadear a imaginação e, com esses atributos, é possível ser criativo. Nesse substrato, novas ideias, processos, tecnologias, produtos e serviços podem ser inventados.

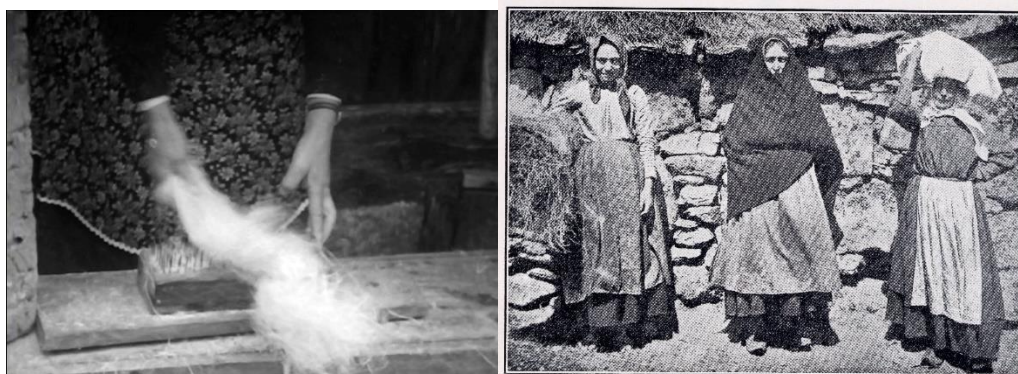
A essência da criatividade é multifacetada e reconhecida como herança cultural ampliada às soluções para problemáticas, possibilitando a potência e a materialização das ações e das iniciativas que manifestam identidades culturais e sociais de forma inovadora. Para Landry (2011), a criatividade é um atributo humano e tem, pelo menos, dois aspetos: é genérica, sendo um modo de pensar que se “torna uma capacidade ou aptidão para resolver problemas e criar oportunidades” (Landry, 2011: 11); e, por outro lado, é específica quando considerada na prática de forma aplicada aos diversos campos de ação do social ao político, do organizacional ao cultural, do tecnológico ao econômico (Landry, 2011).

A criatividade passou a ser referida essencialmente à sua prática, exigindo assim espaço e território para se colocar (Guerra, 2019a). Atualmente, o termo criatividade é uma tendência e diversos conceitos lhe são associados, determinando a emergência da sociedade baseada na imaterialidade como recurso social e econômico. A sociedade da informação (Castells, 1999) e do conhecimento deram origem a um estilo de vida caracterizado pela conectividade e liberdade individual, paradoxal para a essência da criatividade. Por outro lado, foi fortalecendo um novo olhar das conexões e redes, discursos políticos e estudos acadêmicos. Neste sentido, deram-se várias evoluções: da economia cultural à economia criativa; do setor cultural ao setor criativo. As diferenças entre estes conceitos não são claros e geram uma discussão nos meios acadêmicos e

institucionais, embora se possa afirmar que o posicionamento do turismo será um dos fatores de distinção, sendo que, em termos gerais, o que na economia e setor cultural surge como uma atividade de suporte, transforma-se na economia e no setor criativo. A “criatividade” surge de forma mais abrangente e transversal englobando a ideia de cultura.

Neste contexto, surge o território como um importante fator de criatividade, que vai além dos espaços urbanos e das cidades; integrando-se e transformando-se numa função integradora da cultura no território. Portanto, a criatividade tende a encontrar uma estrutura que vai além do espaço criativo e torna-se culturalmente integrando a tradição e a identidade do território. As cidades urbanas são privilegiadas para a diversidade da expressão criativa (Guerra, 2020b; Guerra & Siteo, 2019), já que a partir da evolução demográfica e maior parte da população mundial passou a ocupar os espaços de grandes cidades e metrópoles, criando-se assim, um “ambiente” que reúne a cultura, a tecnologia, a comunicação e a participação na sociedade. Contudo, identifica-se nas zonas de baixa densidade uma enorme possibilidade de integrar a comunidade, o território e o visitante, criando um escopo menor, porém mais agregador e de maior impacto.

A cultura foi sustentada por muitos anos como sendo “não-econômica”, no sentido em que o *sistema* associava as artes e cultura à esfera da “sociedade” e do “Estado”, “onde não podia vigorar, por assim dizer, a lógica econômica “normal” da procura de um retorno remunerador dos investimentos” (Mateus *et al.*, 2010: 8). Não obstante, a cultura passou para o centro do discurso e da atuação das políticas de desenvolvimento do território (Costa, 2011).



Figuras 8. Tradição local: Aspeto de trabalhos do linho em Piães e Mulheres da Gralheira, início do século XX

Fonte: Blog História de Cinfães.



Figuras 9. Tradição local: Cróssa, o traje de inverno em Vale de Papas e Casa-moinho de colmo, tradicional em Montemuro

Fonte: Facebook Casinhas de Colmo.

As Nações Unidas (ONU) (2010: 5) definem economia da cultura como:

“a aplicação de análise econômica a todas as artes criativas e cênicas, às indústrias patrimoniais e culturais, sejam de capital aberto ou fechado. Ela se preocupa com a organização econômica do setor cultural e com o comportamento dos produtores, consumidores e governos nesse setor”.

Desta forma, identificamos alguns ruídos na amplitude de setores e áreas que não são reconhecidos como pilar entre a economia da cultura e economia criativa. Sendo necessária uma orientação sobre economia da cultura, aprofundamos então, para a economia criativa, com maior perspectiva de atuação no século XXI pelo advento das novas tecnologias. Howkins (2005) defende que as pessoas devem ser incentivadas a desenvolverem um espírito criativo e a cooperar, assim como a sintetizar negócios baseados na proteção da sua originalidade. Para este autor, os gestores devem aprender a trabalhar com a propriedade intelectual. Partindo do indivíduo para o social e para a economia, este autor considera que se a criatividade e a economia não são termos novos, a economia criativa traduz uma nova relação criadora entre eles, geradora de valor e

riqueza. Segundo o investigador, a economia criativa baseia-se em *inputs* e *outputs* baseados em ideias. Assim, defende que se trata de uma economia ou de uma sociedade onde as pessoas se preocupam e pensam sobre a sua capacidade em gerar e realizar ideias. a economia criativa desenvolve operações que resultam em produtos criativos que combinam dois aspetos: o imaterial (propriedade intelectual) e o valor do suporte físico ou plataforma. Para Howkins (2005) a “propriedade intelectual” é o traço comum das atividades que importam para o desenvolvimento económico. Howkins distingue as seguintes tipologias de propriedade intelectual: direitos de autor, patentes, marcas comerciais e design. Atualmente, a autoria, defendida legalmente, abrange cada vez mais setores e atividades, integrando toda a expressão criativa dos indivíduos.

Na economia criativa, o *know how*, a aptidão e o desejo individuais são aspetos que asseguram a criatividade e garantem a originalidade das atividades. O negócio de ideias marca um novo paradigma económico. A economia criativa abrange todos os atos criativos em que o trabalho intelectual cria valor económico e valor identitário, desenvolvendo as organizações enquanto processos de informação e conhecimento que geram produtos e serviços a partir de fatores intangíveis. A economia criativa passa por todos os profissionais que oferecem bens e serviços baseados no conhecimento.

Para a ONU (2010: 10), “a economia criativa é um conceito em evolução baseado em ativos criativos que potencialmente geram crescimento e desenvolvimento económico”. Afirma-se no relatório que a economia criativa “pode estimular a geração de renda, criação de empregos e a exportação de ganhos, ao mesmo tempo em que promove a inclusão social, diversidade cultural e desenvolvimento humano” (ONU, 2010: 10); envolvendo “aspetos económicos, culturais e sociais que interagem com objetivos de tecnologia, propriedade intelectual e turismo” (ONU, 2010: 10); consiste num “conjunto de atividades económicas baseadas em conhecimento, com uma dimensão de desenvolvimento e interligações cruzadas em macro e micro níveis para a economia em geral” (ONU, 2010: 10); trata-se de “uma opção de desenvolvimento viável que demanda respostas de políticas inovadoras e multidisciplinares, além de ação interministerial” (ONU, 2010: 10); finalmente, as indústrias criativas são o centro da economia criativa (ONU, 2010: 10).

Quanto às análises dessas definições de “economia da cultura” e “economia criativa”, menciona-se o turismo como ponto integrador. Segundo o relatório Mateus *et al.* (2010):

A cultura, enquanto fator de competitividade, tem surgido como dimensão recorrente das estratégias de desenvolvimento regional, local e urbano, com o patrimônio cultural, embora ainda muito associado ao turismo, a assumir, quer nas suas formas materiais, quer nas versões imateriais, um lugar de destaque nas últimas décadas. A interface entre cultura e economia não se esgota, nem se limita, no entanto, ao turismo, abrangendo um conjunto muito diversificado e alargado de outras atividades. (Mateus *et al.*, 2010:9).

Para além da introdução da criatividade no domínio cultural, nota-se a relevância do turismo que deixa de ser uma atividade de suporte à cadeia de valor para se transformar numa das suas finalidades. Enquanto na “economia cultural”, o turismo surge associado essencialmente ao patrimônio; na “economia criativa”, o turismo assume-se como um *output* da criatividade. Assim, a economia criativa alinha-se pelos objetivos do turismo, apresentando um caráter mais dinâmico.

A economia criativa tem como pilar - no século XXI - a biodiversidade⁸ e a tecnologia⁹ cultural que incitam reflexões sobre a inovação e sobre futuros sustentáveis. Esse caminho não se restringe somente às áreas culturais, mas sim ao estímulo da criatividade como ferramenta fundamental para qualquer atividade social e territorial. A verdade é que a discussão sobre economia criativa, atualmente, para jovens e atuantes no mercado de trabalho formal e informal, tornou-se um difusor do empreendedorismo. Todavia, o mercado empreendedor no sistema capitalista não deixa de ser solitário, competitivo e excludente. É essencial que a economia criativa transite em todas as áreas que gerem fluxo de recursos, capital e humano para prosperar os futuros sustentáveis.

⁸ Conceito de Gilberto Gil, ex-ministro da cultura do Brasil (2003-2008), propôs na Convenção da Diversidade Cultural da UNESCO ao aproximá-la do “Tratado da Biodiversidade”.

⁹ Conceito do filósofo Yuk Hui (2020) assente na ultrapassagem do sentido de tecnologia por “cosmo-técnicas”; tecnologias desenvolvidas em contextos locais, particulares, que conteriam as saídas para a atual crise ecológica, política e social mundial.



Figura 10. Organograma das interligações entre os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, a Quadrupla Hélice o núcleo-duro: a cultura

Fonte: Tempo de Hermes.

Para construir ecossistemas favoráveis que permitam a profissionalização dos segmentos artísticos, culturais e criativos e a respetiva inserção no mercado é apresentado o organograma que interliga os 17 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável à Quádrupla Hélice¹⁰; combinando a sociedade civil organizada, aliada a universidade, empresas e governo, com o propósito de apoiar na evolução de ecossistemas de inovação e empreendedorismo (Carayannis & Campbell, 2009).

Mineiro, Castro & Amaral (2019) abordam os coletivos como sendo representantes da sociedade, por sua vez, Nordberg (2015) caracteriza as associações como representantes da sociedade civil. De qualquer forma, os processos de reconhecimento de grupos como a Casa d'Abóbora em territórios “frágeis” tornam a discussão sobre manifestações culturais uma força tarefa dos agentes em questão (Guerra & Menezes, 2021).

¹⁰ Quádrupla Hélice emergiu após o modelo de Tríplice Hélice que foi proposto por Etzkowitz e Leydesdorff (1995).

2.2 Aberturas, potências e turismo criativo

Cada terra com seu uso,
cada roca com seu fuso
(Garrett, A: 1857).

O turismo criativo é uma temática que tem merecido debate recente nos meios acadêmicos (Duxbury, 2020). Áreas econômicas como a criativa e o turismo, no contexto atual, ainda fomentam teorias e análises distantes de um consenso comum. Aliás, a COVID-19 e subsequente crise sanitária veio fragmentar muitas das iniciativas de turismo criativo em curso. Não obstante, algumas reflexões podem ser feitas a partir de iniciativas e ações concretas que determinam, por exemplo, a “experiência” como meio transformador nas economias do turismo. O mapeamento de produtos culturais e dos patrimônios materiais e imateriais estimulam um desejo para um novo perfil de consumidor que participa do ciclo de experiência, relação e cocriação desenvolvida na relação do turismo cultural e criativo. Richards e Raymond (2009: 18) defenderam, numa primeira fase, uma noção de turismo criativo que assentava basicamente na “oportunidade de o visitante desenvolver o seu potencial turístico por meio da participação em curso e experiências de aprendizagem, característicos dos destinos de férias onde são contratados”.

Para Richards (2009:4), “o turismo criativo respeita as habilidades aprendidas de forma ativa, que os turistas levam consigo quando retornam às suas casas.”. Mas mais recentemente, o autor acaba por atender a uma conceção mais abrangente, considerando que a criatividade tem sido apontada como um fator positivo para o desenvolvimento turístico, intensificando o conceito de turismo criativo em valores, tais como, estimular produtos e experiências turísticas, resgate e revitalização de produtos existentes no território, valorização de bens culturais e criativos em *spin offs* econômicos para potencializar o desenvolvimento criativo, fomentar e diversificar técnicas criativas como o efeito de reforçar a experiência turística, e, gerar um ambiente atrativo aos territórios para os visitantes.

Guiado por esses valores, o turismo criativo incentiva o turista/visitante a uma atitude e respetiva relação com a sua individualidade e conectividade com seu entorno. O “viver como o local” para além da partilha do processo de aprendizagem, possibilita um claro enfoque no “capital humano” in *loco*, para além dos recursos turísticos dos mesmos. Assim, o consumidor está também ativamente envolvido na criação do processo turístico, criando condições para um envolvimento genuíno com a comunidade local. Richards

(2010: 12) sublinha que “a criatividade acontece em qualquer lugar, mas o importante é relacionar o processo criativo com o destino e inseri-lo na cultura e identidade locais”, situação que requer tanto criatividade por parte do visitante como do destino. A “cocriação” é algo que é promovido por visitantes e visitados (ou fornecedores e consumidores) ao nível de produtos, serviços e experiências. Segundo Richards (2010:12) na sua forma mais básica, aquele conceito “envolve a utilização de conhecimento do consumidor e do produto, a fim de melhorar e fornecer o que melhor satisfaz as necessidades do consumidor”.

Fortuna (1999) refere na sua obra que:

Aumenta a dificuldade individual de situar e definir a identidade e a subjetividade pessoais. Somos universalistas ou particularistas? Vivemos juntos em mundos separados ou, ao contrário, vivemos separados num único mundo? Somos guiados por um espírito global de identificações espúrias, ou fiéis a crenças identitárias de interconhecimentos, espessos e duradouros? (Fortuna, 1999: 12).

Estas questões que são apontadas pelo autor tornam-se essenciais para a análise do comportamento social que leva à autenticidade dos pilares do turismo criativo (Guerra, 2020b, 2019b), tendo em vista a complexidade do consumo de bens e serviços universalistas e particulares. Desta forma, buscamos refletir sobre os grupos sociais que rompem a relação *mainstream* do mercado e as estruturas sociais induzidas pelo capitalismo, dando fluxo e vitalidade às relações sociais e ao espaço determinado. Sendo este espaço na investigação desse projeto nas zonas de baixa densidade rurais. Para a autora (Binkhorst, 2008), o turismo é o setor que gera mais experiências através das quais os indivíduos constroem a sua própria narrativa. Reflete ainda que “o turista está inserido no processo de criação de experiências relacionadas ao próprio turismo e são poucos os exemplos que encontramos de cocriação com turistas” (Binkhorst, 2008: 43). Esta mesma autora enuncia que nos processos de cocriação, as comunidades virtuais e as redes sociais assumem particular importância porque permitem ao turista desenhar o seu próprio destino enquanto viaja. Aqui a finalidade é a própria viagem e não o seu destino. Lembremos, neste passo, Landry (2006), para quem a viagem é a síntese de duas palavras: “criatividade” e “experiência”. Para este investigador (2006), a viagem surge como uma resposta para captar momentos especiais que se gravam na memória. A viagem pode e é também uma autorreflexão (Landry, 2008). O turismo criativo será a viagem direcionada para uma experiência comprometida e autêntica, com aprendizagem participativa das

artes, do patrimônio ou de um caráter especial de um lugar, oferecendo uma conexão entre o turista e a comunidade local.

Binkhorst (2008) aquilata que o desenvolvimento da atividade turística deve atender à relação entre o ser humano e o contexto espacial. Para a investigadora: “isto significaria a não separação dos conceitos de oferta e procura, empresa e cliente, turista e hóspede, ou espaços para turismo e “outros espaços” (2008: 44). Logo, o turismo é uma rede que contorna todos os agentes afetos ao processo que se desenvolve em diferentes espaços e tempos (físicos ou virtuais). Esta situação torna mais difusas as fronteiras entre turismo, arte, cultura, negócio, trabalho em rede ou tempos livres. Binkhorst (2008) atenta ao turismo enquanto rede e ao turista como ser humano, cujas interações se desenvolvem em diferentes contextos. Portanto, o conceito de cocriação resulta com grande interesse quando aplicado ao turismo. Continua a investigadora: “proporciona valor acrescentado tanto para o visitante como para as pessoas visitadas e, ao mesmo tempo, contribui para dar um sentido de autenticidade e singularidade ao destino.” (2008: 47). As concepções baseadas em experiências estariam inerentemente relacionadas com o espírito do lugar e com as populações locais.

O debate a propósito da criatividade como valor econômico enquadra-se como uma “quarta revolução industrial¹¹”, estando associado a paradigmas como os da sociedade pós-industrial, pós-fordista, da informação, do conhecimento ou do aprendizado, entre outros. Segundo estas concepções, o desenvolvimento social e económico baseia-se na produção de conhecimento e informação e pelo seu meio de entrega: são as tecnologias de informação e comunicação que suportam as novas dinâmicas e relações e, até, um novo estilo de vida. Depois da sociedade do trabalho se ter transformado na sociedade da informação e do conhecimento, parece caminharmos para uma sociedade criativa. O desenvolvimento da “sociedade de informação” atribui-se a Peter Drucker nos anos 1960. Este investigador propôs mais tarde a expressão “sociedade do conhecimento”. Drucker (2000) admite que:

O que chamamos de Revolução da Informação na verdade é uma Revolução do Conhecimento. O que possibilitou fazer a rotina de processos não foram as máquinas; o computador é apenas o gatilho. O *software* é a reorganização do trabalho tradicional, baseada em séculos de experiência, por meio da aplicação do conhecimento e, principalmente, de análise sistemática e lógica. O segredo não é a eletrônica, mas sim a ciência cognitiva. (Drucker, 2000: 52).

¹¹ A Quarta Revolução Industrial é o conceito de Klaus Schwab (2016) que engloba habilidades de tecnologia e criatividade para na era contemporânea.

Mais uma vez, é a cultura que deve definir os modos de percepção e os usos das tecnologias, que não devem ser reduzidas à mera função produtiva, mas sobretudo como instrumento da valorização da diversidade cultural. Territórios criativos devem assumir a liderança na formulação e implantação de políticas públicas que se comprometam com a tecno-diversidade, isto é, com a compreensão de que tecnologias são instrumentos para a ampliação das mais diversas cosmo-técnicas. A desigualdade, cada vez mais abissal entre as populações exigem a adoção do princípio da inclusão produtiva, especialmente dos jovens e idosos.

A consolidação da cidade enquanto destino turístico aconteceu devido a um crescente interesse por destinos turísticos alternativos ao *Sol e Mar*. A vertente cultural dos territórios tornou-se num ambiente de atração para práticas de turismo cultural (equipamentos culturais, patrimônios materiais e naturais, mais fortemente). Com base na teoria da economia de experiências, o modo de consumo da sociedade está a sofrer alterações. Atualmente, o indivíduo compra, mais que um produto, uma experiência (Urry, 2001). O fator principal da sua procura é a busca de sensações e não tanto de benefícios, como aconteceria com a compra de um produto. O desejo de mudança do cotidiano constitui uma das motivações turísticas mais frequentes pelo que o turismo de experiência se revela muito atrativo.

O turismo não é uma agregação de atividades meramente de consumo; é também um quadro simbólico da história, da natureza e da tradição. Para Iwashita (2006: 59), as imagens dos destinos turísticos representadas nos meios de comunicação mais populares têm um papel importante para influenciar a decisão do consumidor no momento de decidir qual o seu destino de férias. Essas representações podem propagar, fortalecer ou recriar as imagens e a identidade dos locais de uma maneira intensa. Logo, pode afirmar-se que é por via de experiências com filmes, livros e séries de televisão que os vários locais são hoje reconhecidos internacionalmente e recebem milhares de turistas por ano. Basta ver o incremento que o turismo tem tido como experiência simbólica de imaginários do cinema ou da música (Campo *et al.*, 2011). O aumento da procura do turismo criativo deveu-se, também, à necessidade de interação humana e de imersão em culturas opostas à do próprio viajante. Nos últimos 5 anos, a comunicação entre as comunidades locais e os seus visitantes aumentou rapidamente graças à adoção das novas tecnologias e às redes sociais (Ohridska & Ivanov, 2010). Este processo permitiu que a organização de um

turismo criativo fosse feita, não só por operadores turísticos e agências de viagens, mas também por organizações e associações que operam a nível local.

Em termos de destinos, o turismo cultural é limitado a locais mais conhecidos como países europeus, massificando os trânsitos de visitantes e gerando inconsistência dos territórios e serviços para tamanha demanda. Já o turismo criativo está cada vez mais presente em todo o mundo, sobretudo em regiões periféricas e zonas de baixa densidade que não beneficiam diretamente do turismo tradicional. O turismo é uma atividade que, segundo alguns estudiosos, constitui uma ameaça ao estado natural das coisas, à sua autenticidade. A maioria dos autores apresenta o turismo de massas e a mercantilização das atrações como ameaças para a singularidade e autenticidade do patrimônio e da cultura. Além disso, consideram que esses valores são sacrificados em prol do entretenimento, popularidade e lucro (Engler, 2006:1). O mesmo autor, Engler, fez notar que a transferência do conceito de autenticidade para as pessoas, territórios, bens e serviços fez com que as alterações que vão ocorrendo nos mesmos contribuam para tornar o produto não autêntico, ou seja, qualquer modificação ou transformação dos mesmos conduz à perda desse valor. Portanto, o turismo criativo mais do que um setor dentro das atividades turísticas é uma ferramenta sustentável para com os territórios, a produção cultural e criativa, a experiência do viajante e o processo de melhorias para a população e seu espaço.

O grupo de jovens da Casa d'Abóbora reconheceu que atrair viajantes e turistas para a região de Cinfães pressupõe um confronto direto com o turismo fomentado na região, pois limita-se a cruzeiros, alojamentos locais rurais exclusivos, turismo de natureza e de eventos. Os desafios em atrair novos públicos para um turismo de experiência local envolvem incentivar os projetos e ações de associações como também melhorias de infraestrutura para deslocamento, estadia e pormenores fundamentais para a movimentação interna dos visitantes. No concelho de Cinfães, sede do município mais estruturada para o trânsito de pessoas, não foi identificada relação entre a comunidade local e os equipamentos culturais da cidade. Há uma desconexão entre a realidade do campo e o cotidiano da população em relação aos espaços e eventos culturais da região; limitando-se aos turistas fechados em um ciclo de turismo não sustentável para o desenvolvimento local.

A falta de iniciativas para com a própria população e os “vícios” do turismo tradicional não estimulam as entidades a desenvolver novos olhares para as pequenas freguesias da região, dificultando assim a inserção de novos modelos de turismo como estímulo para o desenvolvimento da população e do território. Portanto, é fundamental o debate sobre turismo criativo como ferramenta de crescimento social, cultural e econômico na região de Cinfães para maior expansão dos projetos associativos com impacto direto na sociedade civil. Não é possível apresentar um território vasto de natureza e cultura sem investimento na sua população para validar novos métodos de turismo e (re)conhecimento de seu território.

2.3 Artes, ativismo e residências artísticas

Na perspectiva pós-fordista¹² imposta como desenho de sociedade contemporânea, causa efeitos que ultrapassam os padrões de consumo em produtos em massa. A falta de equilíbrio entre o ser humano e a natureza, a criação e a responsabilidade social, tornou-se num ponto de encontro no universo artístico; onde espaços como as residências artísticas reforçam um desejo coletivo de criação. A globalização e a sociedade da informação incentivaram o processo dos encontros em associações, coletivos, equipamentos culturais, espaços rurais, urbanos e até mesmo desertificados para incentivar os sentidos artísticos e gerando além da criação a cocriação; termo muito utilizado no século XXI como estímulo dos empreendimentos artísticos em todos os setores criativos. O conceito tem se firmado no cenário internacional como sendo uma forma de atuação para a formação, a informação, a criação e para a experimentação de artistas e curiosos pelas artes. Através de uma análise documental de algumas iniciativas de residências artísticas pelo Brasil e Portugal, conclui-se que além do crescimento das produções artísticas e da visibilidade dos artistas, a intervenção das residências artísticas no seu território é positiva para com as suas respectivas comunidades. Esse elo entre território - residência artística - trânsito de artistas - comunidade local, resulta na sustentabilidade das categorias sociais, culturais, econômicas, e maioritariamente políticas e ambientais das mesmas. E como? Mais do que o método de trabalho, a maioria

¹² Conceito de novos padrões de consumo entre as redes tecnológicas e a coparticipação da sociedade (Hardt & Negri, 2012).

das residências artísticas apropria-se do ativismo para fomentar as discussões de arte e política, tendo como “grito de guerra” o desenvolvimento sustentável em todos os níveis.

A residência artística é pensada como um espaço destinado à criação e possui uma união “da materialidade e a vida que a anima” (Santos, 2004: 50), o que permite propor uma condição de vida, de criação e de trabalho ao artista. Daniel Buren (1971) no seu estudo sobre as funções do ateliê, indica uma perspectiva de ampliação do espaço “solitário” de construção artística, protegido pelo “elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico” (Tuan, 1980: 106). Portanto, as residências artísticas estimulam o deslocamento para experiências múltiplas e em conexão a outras culturas, técnicas, processos e pessoas.

O ativismo é cada vez mais transversal no universo das criações com o objetivo das expressões artísticas serem instrumento de um conteúdo que reflete sobre as questões do planeta; um encontro entre as artes e a política. Espaços e programas de residências artísticas geram força para os encontros de nichos que sonham e cocriam compartilhando o mesmo espaço. Durante o século passado, foram se constituindo núcleos ao redor de ideias comuns, como convidar artistas que não se conheciam para aproveitarem uma estadia conjunta em fazendas ou residências afastadas de centros urbanos. Hoje já identificada em todo o planeta, as residências artísticas são cada vez mais comuns em zonas de baixa densidade e/ou nos meios rurais. Territórios que unificam o ser humano e a natureza inspiram artistas a também romper com o senso estético e abordar uma crítica profunda às questões humanitárias, ecológicas, econômicas, etc.

A sua natureza estética e simbólica amplifica, sensibiliza, reflete e interroga temas e s (situações num dado contexto histórico e social, visando a mudança ou a resistência. O ativismo consolida-se assim como causa e reivindicação social e simultaneamente como ruptura artística – nomeadamente, pela proposição de cenários, paisagens e ecologias alternativas de fruição, de participação e de criação artística. (Raposo, 2015:5).

O ativismo vai além da denúncia, mas também da intervenção e da ação (Guerra, 2019b), propício em zonas de baixa densidade pelo movimento *slow*, que não é identitário da cidade urbana, e, por meio das residências artísticas que desenvolvem o senso crítico sobre as causas planetárias por meio das artes. Encontro profundo entre ser humano, a natureza, as artes e novos olhares sobre o mundo.

O *cosmovazio* (Krenak, 2019) da sociedade contemporânea deslocada do equilíbrio com a Terra é o que move o ativismo a desenvolver-se e estar presente em

residências artísticas. Pois o trânsito de artistas em zonas desertificadas ou de baixa densidade dão visibilidade a esses territórios, causando reflexos diretos na realidade local, ou seja, a imersão desses artistas em um período de tempo e em lugares que estimulem a vivência territorial espaço que estimule criações em novas realidades de experiência confirma os impactos multidimensionais e intangíveis para com o artista e a comunidade/território.

Surgem assim microrregiões que estimulam o sensorial para evidenciar novas identidades e bens/serviços; espaços cedidos por associações e comunidades que praticam as residências artísticas como conexão entre urbano-rural, culturas e métodos de criar e produzir em coletivo. A interação entre morador local e artista em trânsito reforça a capacidade social de construir novas estruturas e perspectivas de tradição, inovação, visão de mundo e experiências. A partir dessa reflexão percebe-se o encontro das artes ao ativismo como meio de expressão artística e pensamento crítico sobre o mundo, as novas alternativas de economia que englobam a cultura e a criatividade como ponte de inovação, as atividades como as residências artísticas que promovem o território e a comunhão com a comunidade local resultando assim na harmonia entre a sociedade e a natureza, a cultura e a inovação; sempre apontando para futuros sustentáveis. Uma obra de arte, como uma realidade simbólica, não pode ser concebida separadamente dos seus significados e representações (Guerra, 2019a). E isso é ativismo. É colocar a arte ao serviço do desenvolvimento sustentável.

A sociedade do futuro possui instrumentos que estimulam novas metodologias de gestão e políticas públicas para com as populações como os territórios. João Ferrão refere que existe um “amplo consenso quanto à necessidade de adotar novos valores em relação ao território e às práticas de ordenamento do território” (Ferrão, 2011: 124) e que o que está em jogo é uma nova cultura, uma “cultura de território, uma cultura de ordenamento de território, uma cultura da aprendizagem, (...) uma cultura de mudança e de inovação social” (Ferrão, 2011: 124). Assim, quanto à visão de ordenamento, propõe a “adoção de concepções neomodernas” e de uma “política de ordenamento mais eficiente e resiliente, mas também mais justa e democrática” (Ferrão, 2011: 133).

O crescimento inclusivo, na aceção atribuída pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, assume-se como um padrão de crescimento sustentável que gera novas oportunidades produtivas, constituindo uma prioridade âncora da Estratégia Europeia 2020. A inclusão social – dimensão

chave e expressão alternativa nas abordagens do crescimento inclusivo – assume uma extrema e reconhecida importância para a participação ativa das populações nos processos de mudança, para o desenvolvimento dos indivíduos e das organizações e para a competitividade e coesão dos territórios (Sá Marques & Queirós, 2017: 26).

CAPÍTULO 3. O DESENHO DE UM CAMINHO METODOLÓGICO COM UMA META

3.1 Definição de um trajeto

A chegada no Concelho de Cinfães é impactada pela beleza da Região Vinhateira do Alto Douro, reconhecida pela UNESCO como Patrimônio Mundial da Humanidade¹³ às margens da paisagem natural do Rio Douro. O panorama desenhado por cultivos em socalcos, uma técnica agrícola e de conservação do solo em terrenos inclinados auxilia na plantação de vinhas, atividade local com força econômica. Porém, a etimologia da palavra humanidade incita a uma reflexão do reconhecimento humano para com o espaço. A sociedade da região do Douro Verde é valorizada de forma humanizada? Quais são os paradigmas que a região enfrenta por tal chancela das paisagens? Qual a linha tênue da vida cotidiana estruturada pelas tradições e hábitos da sociedade local e a promoção dos territórios a partir de práticas turísticas muitas vezes controversas com as perspectivas dos habitantes?

Baseada nesses questionamentos e no (re)conhecimento de um recorte geográfico é apresentada a pergunta de partida para esta pesquisa: *como é que a Casa d'Abóbora agrega valor para a região de Cinfães no desenvolvimento de ações artísticas e criativas a partir do patrimônio cultural material e imaterial desta zona de baixa densidade fortalecendo a comunidade local e introduzindo o turismo criativo?*

Sendo assim, o grande objetivo desta investigação é uma reflexão sobre as iniciativas fundamentadas por grupos, associações e comunidades que promovem zonas de baixa densidade com base em novas terminologias de cultura e turismo para o fortalecimento da economia criativa e sustentável.

De forma sistemática, com o objeto de estudo mencionado e com a pergunta de partida definida, **pretendemos alcançar os seguintes objetivos gerais:**

- Mapear e avaliar os recursos patrimoniais e artísticos de desenvolvimento da região de Cinfães a partir de sua história, heranças arquitetônicas, identidades

¹³ Em 2001, a UNESCO classificou como Patrimônio Mundial 24.600 hectares do Alto Douro Vinhateiro.

culturais, personalidades marcantes e fauna e flora que representam a região e traduz o patrimônio material e imaterial da região.

- Explicar e compreender os conceitos de economia da cultura e economia criativa, como também o conceito de turismo criativo que firmam uma economia sustentável em rede assente em atividades culturais, artísticas e criativas.
- Identificar protagonistas e moradores de forma diacrônica e sincrônica que dão identidade à região e reconstroem a sua diversidade criativa, cultural e artística.
- Apresentar atividades associativas, comunitárias e públicas que compactuam com a preservação da economia cultural local.

Estes objetivos gerais dividem-se **em objetivos específicos**:

- Explorar e desenvolver atividades criativas que partem da Casa d'Abóbora por meio de residência artística.
- Compreender a relevância do Turismo Criativo em zonas de baixa densidade e efeitos diretos com a comunidade e economia local.
- Conhecer e identificar os impactos multidimensionais – econômicos, culturais, sociais e ambientais na região do concelho de Cinfães.
- Aprender e diagnosticar *focus point* para valorização e preservação do território de forma sustentável e coerente que transforma um território criativo.

O objeto de estudo para esta pesquisa assenta na fortificação de residências artísticas em zonas de baixa densidade, na medida em que incentivam direta e indiretamente a economia local de forma sustentável e de grande relevância para o respeito com o passado e a memória, o presente e a colaboração, e, o futuro e a inovação. Portanto, a pesquisa desenvolve-se em torno dos propósitos das atividades artísticas e criativas que se movimentam a partir de comunidades e associações que conectam de forma holística a mediação, o acolhimento, a cocriação e a memória como instrumentos de desenvolvimento sustentável.

As primordiais reflexões sobre o objeto de estudo entram em conexão com outros fatores, sendo estes de caráter positivo e/ou negativo para responder se a Casa d'Abóbora agrega valor a partir de suas iniciativas artísticas e se atribui valor para a região. Dito isto, o roteiro pelos métodos de análise de informações estimulou um quadro hipotético tendo como abordagem base a análise qualitativa e base empírica de estudo de caso alargado e

participativa. Recolhas e pesquisas bibliográficas, conhecimento do terreno *in loco* e observação, entrevistas e inquéritos são técnicas que dão fundamento para as reflexões desta pesquisa de forma a responder ao quadro hipotético seguinte:

- O Douro Verde é representado pelo segmento do turismo de forma não sustentável.
- As associações e as comunidades trabalham de forma independente, muitas vezes frágeis, dentro da agenda da Câmara e/ou Junta de Freguesias.
- A economia criativa é um meio de diversificar as políticas públicas em respeito aos criativos e à comunidade local.
- O turismo criativo – muitas vezes metamorfoseado em ativismo - é uma alternativa viável de repensar os territórios, suas atividades, economias, e principalmente, sua população numa lógica de desenvolvimento sustentável.

O desenho metodológico desta investigação está inscrito numa abordagem qualitativa (Creswell, 2014), de modo que requer compreender vários pontos de vista enriquecendo assim o critério para cada fala e realidade ali registrada. Esse ponto de partida influencia nas reflexões sobre as temáticas levantadas durante essa pesquisa. O recorte sobre as atividades desenvolvidas pela Casa d'Abóbora Associação Juvenil provoca uma pesquisa de estudo de caso alargado (Burawoy, 1998) e participativo. Sendo assim, apresentamos as técnicas e os percursos para concluir a pesquisa.

No que se refere às técnicas mobilizadas no terreno de investigação, a observação direta participante esteve presente desde o primeiro ao último momento da jornada, configurando-se como uma técnica muito importante em termos de uma fase de iniciação e de aproximação sociológica à realidade em estudo. Desta forma a observação direta participante constitui uma ferramenta completa e fundamental para a compreensão das camadas culturais, sociais e territoriais. Permitiu ainda, a aproximação com a vida da comunidade e arredores, criando assim, mais foco nos projetos desenvolvidos pela Casa d'Abóbora.

A recolha de dados foi em seguida sendo realizada a partir dessa observação do espaço e da Associação. Conexões de pessoas, histórias e atividades estimulou a análise documental, fotográfico, idas à biblioteca da região, sites oficiais, contato com a

Freguesia de Ferreiros de Tendais e Câmara de Cinfães, além de muitos grupos e Associações que estão na rede de suporte para essa pesquisa.

Como a análise não pretende explicar a realidade e sim compreendê-la, a metodologia qualitativa desenvolve-se por meio de análise de documentos em equipamentos, como bibliotecas, sites oficiais, receção de dados da região, além de aprofundamento bibliográfico para conceitos fundamentais que esclarecem métodos de ação, entrevistas semiestruturadas e inquérito dividido em *economia criativa*, *turismo criativo*, *residência artística* com perguntas abertas e fechadas para panorama do conhecimento geral.

Para essa investigação, algumas ferramentas como coleta e análise de dados orientam para o conhecimento de um valor agregado nos resultados encontrados para a pesquisa. Como bem refere Michel Burawoy, (1998) as opções metodológicas ocorrem antes e orientam a escolha e a definição dos problemas. Sendo assim, a estruturação da pesquisa deu-se na base do estudo de caso alargado já que o pilar da observação participante é fundamental para responder às reflexões dessa pesquisa. Além dos pontos da intersubjetividade, processos, estruturação e reconstrução teórica (1998).

Os métodos qualitativos segundo Burawoy (1998) e Creswell (2014) dão sequência aos processos da pesquisa, sendo eles: a intersubjetividade entre o pesquisador e os sujeitos em estudo; a entrada na realidade das pessoas que está a estudar; a relação dos processos locais com as forças externas; e o objetivo de reconstruir uma teoria existente. Assim, essa pesquisa teve minha participação direta e *full time*, facilitando os processos de análise do desenvolvimento e impacto da Casa d'Abóbora em Aldeia. Concluindo, essa pesquisa etnográfica participante propõe uma rota entre corpo e mente com a vida na Aldeia, propósito para os projetos da Casa d'Abóbora e impulsionar o pensamento crítico sobre territórios belos e frágeis, populações fortes e sensíveis.

3.2 Mapa para um percurso

A pesquisa de investigação tem como plano de elaboração baseado no modelo de Quivy e Luc Van Campehoudt (2005) em referência às investigações em ciências sociais. Como também um método de estudo de caso ampliado, técnica elaborada por Michael Burawoy (2014), na qual sua conceção vai de encontro a essa pesquisa de investigação. Assim como o princípio de pesquisa-ação de Kemmis e Taggart (1988) que trabalham

diretamente na metodologia da investigadora para o trabalho *in loco*. Posto isto, as técnicas de observação sistemática e participativa da pesquisadora em campo no lugar de Aldeia auxiliaram os *insights* para as intervenções e reflexões locais. Ou seja, a imersão na comunidade e suas práticas habituais contribuíram para a análise do estudo de caso da Casa d'Abóbora como experiência de desenvolvimento sustentável.

O percurso inicial da investigação requereu a aproximação da investigadora à realidade local que pretende analisar estruturando uma metodologia de perspectiva etnográfica. Dessa forma, a estrutura da investigação baseou-se em entrevistas semiestruturadas e inquérito (Creswell, 2014) online aberto à sociedade, isto é, a não residentes no concelho de Cinfães. Além de recolha de dados, exploração fotográfica, registos, observação para melhor aprofundamento das análises, e, principalmente, construção e reflexão do modelo de ação viável para a concretização do propósito desta pesquisa. “Uma investigação é, por definição, algo que se procura”. (Quivy & Campenhoudt, 2005: 31), tendo a apuração e registro de dados como premissa para os resultados finais.

Pesquisa-ação é uma forma de investigação baseada em uma autorreflexão coletiva empreendida pelos participantes de um grupo social de maneira a melhorar a racionalidade e a justiça de suas próprias práticas sociais e educacionais, como também o seu entendimento dessas práticas e de situações onde essas práticas acontecem. A abordagem é de uma pesquisa-ação apenas quando ela é colaborativa (Kemmis & Taggart In Elia & Sampaio, 2001: 248).

Identificar os indicadores da caracterização sociodemográfica do território de Cinfães foi fundamental para dimensão populacional da região, pois o maior desafio das zonas de baixa densidade é de não desertificarem.

Tabela 1. Indicadores de população do concelho de Cinfães

Caracterização sociodemográfica			
Densidade populacional (Nº/km²)	Homem	Mulher	Total:
76,2	8 806	9 438	18 244
Taxa de crescimento migratório	Taxa bruta de natalidade	Taxa bruta de mortalidade	Índice de longevidade
-0,47	7,6	15,2	53,6
População estrangeira a quem foi concedido título de residência por 100 habitantes	Índice de envelhecimento	Índice de renovação da população em idade ativa	Índice de dependência de idosos/os
0,12	193,3	77,7	35,9

Fonte: Anuários Estatísticos Regionais - Informação estatística à escala regional e municipal – INE, 2019.

No que à análise das entrevistas diz respeito, adotámos a análise de conteúdo enquanto técnica primordial. Assim, procedemos à categorização e classificação dos discursos por temáticas, sendo elas: a cultura, património, projetos associativos, residências artísticas e zonas de baixa densidade. Abaixo apresentámos uma tabela síntese com o perfil dos entrevistados

Tabela 2. Grelha de entrevistados

Entrevistado(a)s:			
Nome:	Idade:	Função:	Entidade:
Joana Salgado	38 anos	Produtora executiva e artística	Home for Creativity - Cerdeira
Joana Faria	24 anos	Presidenta Geral	Associação Juvenil Casa d'Abóbora
Pedro Semblano	39 anos	Vereador da Câmara de Cinfães	Gestão, Fundos Comunitários e Modernização Administrativa, Economia e Desenvolvimento Rural, Emprego, Empreendedorismo e Inovação, Desporto Lazer e Associativismo, Serviços de Informação e Tecnologia de Informação

Fonte: Autora.

A entrevista, mais que a observação, tem vantagens e permite apreender aspetos que a observação participante não possibilita. Essa técnica favorece o estudo de realidades sociais, perceções e simbolismos que captam não só o indivíduo, mas sua posição social

diante de tais circunstâncias. A técnica de entrevistas abertas é a mais adequada a finalidades exploratórias, sendo bastante utilizada para o afinar de questões e para uma formulação mais precisa dos conceitos relacionados. Para a sua estruturação, o entrevistador introduz o tema e ao entrevistado é dada a liberdade de discorrer sobre o tema sugerido. É uma forma de poder explorar mais amplamente os temas.

O guião base foi projetado de forma que cada entrevista foi customizada a partir dos conceitos base dessa pesquisa: *cultura, economia criativa, turismo criativo, atividades artísticas e sustentabilidade*. Os elementos gerais e caracterização sociográfica aplicam-se a todos os entrevistados e blocos de assuntos que instigam boas reflexões sobre o território, a sociedade, nossas ações e futuros.

E finalizando a análises das entrevistas que podem ser fontes de muitas respostas e novos olhares sobre a pesquisa em questão. Observar os resultados finais de forma individual e em conexão; cada lugar um olhar. O discurso e a forma dos entrevistados se expressar reflete diretamente na humanização da pesquisa. Ou seja, o propósito não é a comparação e negação dos argumentos, e sim de complementar e associar as temáticas do estudo às realidades de zonas de baixa densidade.

O questionário *online* é uma ferramenta sistemática que auxilia na análise geral da posição da sociedade sobre diversos assuntos. Sendo o grande objetivo, entre perguntas abertas e fechadas, dar uma dimensão quantitativa às temáticas acima mencionadas. No caso dessa pesquisa de investigação, proponho um questionário dividido em blocos para melhor organização e clareza nos resultados. Os resultados estatísticos e base linguístico-semiótica dessa pesquisa dão concretude ao pensamento e reflexão do ponto de vista da sociedade em geral, em territórios distintos e realidades diversas. Ou seja, o inquérito é uma metodologia organizacional de encontrar um discurso comum sobre conteúdos variados. Nesse caso, foi utilizada a aplicação do *Google Forms* como ferramenta para coletar as informações necessárias para a análise final.

O cerne da pesquisa em questão reforça a semiótica de comunidade como um guia de soluções para territórios frágeis que continuam a desenvolver iniciativas de proteção aos indivíduos, suas estruturas sociais e culturais que resultam em estabilidade com base na solidariedade e conexão: tradição - passado e inovação - futuros.

Quando o mundo se torna grande demais para ser controlado, os atores sociais passam a ter como objetivo fazê-lo retornar ao tamanho compatível com o que podem conceber. Quando as redes dissolvem o tempo e o espaço, as pessoas

se agarram a espaços físicos, recorrendo à sua memória histórica. (Castells, 1999: 85).

Portanto, a resistência das comunidades que se opõem ao movimento capitalista, vai ao encontro das suas raízes, no qual fomentam suas histórias e memórias, fortalecendo assim suas identidades e contribuindo para a religação dos saberes; pensamento de Edgar Morin (2001) que apresenta as teorias de cultura científica e humanística como estratégia para realizar a reunião dos saberes. Paradigmas da razão e da imaginação que mantêm vivos os organismos sociais, culturais e territoriais fundamentais para o desenho dos futuros sustentáveis.

O senso comunitário desperta reforça assim o conceito de vitalismo do sociólogo francês Michel Maffesoli que é compreendido como expressão do movimento dinâmico das múltiplas forças sociais. O “societal-em-ato” estabelece um estilo-estético-afetivo marcado pela vida comunal que se organiza “pelo conhecimento vindo da partilha, da colocação em comum, das ideias, evidentemente, mas também, das experiências, dos modos de vida e das maneiras de ser” (Maffesoli, 1995: 102).

CAPÍTULO 4. A CONSTITUIÇÃO DE UM GUIÃO DE VIAGEM: APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

O ex-ministro da Cultura de Cabo Verde, Mário Lúcio, reflete sobre a cultura no livro *Meu Verbo Cultura*: “Na cultura simples não só podemos afirmar o que somos como também temos a liberdade de dizer o que não queremos ser. Isso é importante.” (Lúcio, 2015: 151). Essa indicação do ter e/ou ser articula as reflexões sobre cultura, turismo e economia criativa; áreas que como base estrutural encontram-se nas relações entre indivíduos e suas interações com o tempo e espaço.

O reconhecimento dos simbolismos diretos e indiretos das comunidades por meio de suas memórias e hábitos faz com que o início dessa análise se desse pela observação das fragilidades de certos grupos sociais e territórios no decorrer da afirmação e imposição de um capitalismo acelerado. Assim, quando refletimos sobre globalização, terminologia criticada por Boaventura de Sousa Santos, em que é necessário defender a pluralidade desse termo, já que de fato é sempre reconhecida no lugar dos vencedores, grandes territórios, etc. É importante transformar os debates de globalização em localização, já que todo senso global inicia-se a partir de um território (Santos, 2001). Portanto, observar a região de Cinfães, fortaleza de fauna e flora, patrimônios, culturas e comunidades, implica perceber os paradoxos entre a qualidade de vida numa zona rural e as poucas expectativas de estímulos de caráter social, econômico, e governamental para com a comunidade local.

Desta feita, foi possível reconhecer pontos essenciais que respondem como a associação juvenil fomenta projetos e atividades que dão visibilidade à região de baixa densidade. Deste modo, a recolha de entrevistas, inquérito online, análise documental e observação foram as técnicas escolhidas para a jornada desta pesquisa e são abordadas no decorrer da análise dos dados para dar materialidade às possibilidades da Casa d’Abóbora como organismo que produz conexões entre cultura, criatividade, experiência, memória e sustentabilidade.

4.1 Novas taxonomias

A terminologia *criativa* tem sido utilizada em inúmeros contextos para transmitir originalidade e inovação. Porém, a linha tênue entre o que está em movimento no mercado e os contextos assegurados por pequenos produtores é sensível e deve levantar reflexões

e ações para com o sistema. Para Lúcio (2015: 168) “a cultura é uma boa escola para reinventar a postura de fazer o bem e conhecer o próximo”.

A primeira pauta de análise relaciona-se com o primeiro bloco do inquérito que aborda *Cultura, Criatividade e Economia Criativa* de forma que o ruído diagnosticado é a confusão da taxonomia e conceitos sobre Economia Criativa. Com 30% de resposta negativa ou dúvida sobre o conceito, a produtora executiva e artística Joana Salgado da Home for Creativity - Cerdeira discorre um olhar na valorização da cultura:

Falando de economia criativa x indústria criativa, em Portugal a cultura e a arte nunca foram consideradas economicamente. As pessoas estão abrindo os olhos e estão a perceber que existe potencial e que é merecedor de ter esse capital. A partir do momento que vocês se sentirem valorizados, muitas vezes trabalhando de graça e apoiados pelo Estado, as pessoas também farão o investimento para o vosso projeto. E a partir de aí, ser autossustentável e ir muito mais longe. (Joana Salgado, 38 anos, Home for Creativity - Cerdeira).

As comunidades rurais “procuram revitalizar, diversificar a sua base económica, melhorar a sua qualidade de vida e reinventar-se para novas funções e novos papéis” (Duxbury & Campbell, 2009:112), tendo a cultura e as artes como alicerces para o desenvolvimento sustentável de um território (Duxbury & Campbell, 2009).

O projeto Re-Conectar Cinfães é um exemplo de uma ação desenvolvida pela Casa d’Abóbora com o intuito de estimular a economia criativa da região a partir da voz das associações e entidades locais. A proposta de promover a cultura a partir desses grupos que reconhecem as diversidades locais são fundamentais para a valorização de projetos que contemplem a tradição, a comunidade e a colaboração.



Figura 11. Re-Conectar Associações, 2021

Fonte: Autora.

Pedro Semblano, vereador da Câmara de Cinfães nos pelouros de Gestão, Fundos Comunitários e modernização Administrativa, Economia e Desenvolvimento Rural, Emprego, Empreendedorismo e Inovação, Desporto Lazer e Associativismo, Serviços de Informação e Tecnologia de Informação¹⁴ apresenta um panorama sobre as ações que o setor público aprimora no Concelho de Cinfães e os desafios das associações em desenvolvimento nas zonas de baixa densidade como Cinfães:

O desenvolvimento deve vir da base. E a partir da base parte dos grupos, neste caso nós estamos também de grupos de ação local, das parcerias implementadas e dos projetos que estão implementados. Eu acredito na abordagem Leader. Quando pensamos em desenvolvimento local precisamos pensar em território e as pessoas ali vivem. A abordagem é extremamente importante, embora hoje esteja posta em causa pelos modelos de regionalização que não exista, mas faz com que obviamente eu continuo a acreditar muito nesta abordagem local. Já estive com alguns projetos de desenvolvimento local, seja na Kuljovem Associação Juvenil em Nespereira, seja projetos desportivos, projetos culturais. Este tecido de associações que nós temos localmente, precisa neste momento se unir mais e partilhar mais para obter sinergias que em conjunto com aquilo que é a abordagem Leader, a forma de trabalhar das ações locais, para novas estratégias de desenvolvimento local, tendo mais participação ativa e colhendo mais apoios no sentido de desenvolver a

¹⁴ Na entrega desta pesquisa Pedro Semblano não ocupa mais o cargo de Vereador desde abril de 2021.

particularidade de cada ação (Pedro Semblano, 39 anos, Vereador da Câmara de Cinfães).

Diagnosticou-se, paralelamente, uma falta de comunicação entre grupos e associações da região de Cinfães e uma lacuna dos gestores públicos da região na identificação das atividades ativas no território; desafiando assim a Casa d'Abóbora a refletir como aproximar potenciais colaborações entre projetos. Joana Faria, presidente geral da associação juvenil Casa d'Abóbora, discorre:

De início percebemos que não há um sistema de conexão ou ligação de todas as associações do Concelho de Cinfães. E é uma coisa louca porque tivemos muitas dúvidas sobre como elas trabalhavam ou se ajudavam para os desenvolvimentos de seus projetos. Então fizemos um excell com todas as associações possíveis e contatá-las e fazer o primeiro encontro das associações do concelho chamado de Projeto Re-conectar. Quem tem como intuito esse encontro virtual que teve como propósito apresentar as associações e então estabelecer conexões entre elas. E foi um grande choque para todos. Nem éramos associação ainda e esse encontro já poderia ter ocorrido. A política tem que olhar para essas associações e auxiliar a conexão entre elas. São muito boas as oportunidades que há. O objetivo é dar-se a mão e começarem a se comunicar. A região de Cinfães que é interior é um grande potencial. As associações estão às vezes habituadas em primeiro é a sede, depois o plano de atividades. E não, o Re-Conectar vem com esse propósito de mudar o olhar (Joana Faria, 24 anos, Casa d'Abóbora).

96,4% das pessoas que responderam o inquérito acreditam que a cultura possui valor econômico, porém percebe-se a fragilidade dentre os atores e agentes culturais e criativos em se estabelecer no mercado. Ou seja, a subjetividade entre criatividade e cultura ainda são desafios para as políticas públicas agirem de forma coerente e em sintonia com os setores criativos, aspeto esse que se verifica ainda mais alarmante quando se trata de uma zona de baixa densidade. Entretanto, identificam-se cada vez mais pontos de encontro nessas zonas de baixa densidade, tais como oportunidade de comunidades e a existência de grupos e associações fomentarem sua cultura local por meio dos bens comuns. Lafuente (2021) alerta que os bens comuns na premissa devem ser sustentáveis; instrumento que em pequenas aldeias e zonas de baixa densidade como este aqui estudado, pulsionam seus patrimônios e seus comuns. A cultura é o grande elemento que enraíza histórias e identifica a “propriedade do comum”, seja ela como patrimônio material e/ou imaterial. O impacto da cultura em relação à estruturação de comunidades e grupos em pequenas aldeias é transversal a qualquer variedade de atividades em foco. A relação com o território, a pequena população, seus hábitos e nuances identitárias que Lafuente reforça como vizinhança, são termos que mantêm uma estreita relação de vizinhança com palavras que já encontramos antes, como simples, mundano ou cotidiano (2021).

Joana Salgado apresenta os efeitos das atividades artísticas que influenciam diretamente na construção das raízes culturais, artísticas e de experiência para a sociedade, em geral, mais do que uma ação é ser afetado de sentimentos e criatividade durante a imersão numa pequena aldeia.

Há muita gente que nos procura que vem dos centros urbanos, hoje em dia não há uma tolerância ao erro. E uma das coisas que eu acho que as pessoas adoram, é que mesmo que seja errado, é perfeito. Por que? Porque houve dedicação naquele momento. Se continuarmos a trabalhar nesta linha em que temos que trabalhar com aquilo que temos, mesmo que seja pouco, em que menos é mais, a mesma qualidade a quem nos procura e também fazer-lhe perceber que nem tudo na vida é fácil e que errar é perfeito. E mesmo as casas, feitas de xisto e madeira, não são perfeitas, mas são. É nessa imperfeição que reside a beleza (Joana Salgado, 38 anos, Home for Creativity - Cerdeira).

O tempo em que estamos vivendo, é pautado por uma crise sanitária global e os grandes impactos reconhecidos nos médios e grandes polos sociais, as zonas de baixa densidade encontram-se numa situação ambígua, ou seja, os territórios isolados com densidades populacionais menores tiveram que adaptar os novos protocolos e proteger suas comunidades mais antigas para o equilíbrio dos novos tempos. Em compensação, zonas como a de Cinfães necessitam do trânsito de pessoas, do incentivo ao comércio local, da valorização da sua população, bem como precisam assegurar os seus patrimônios materiais e imateriais. Então, um movimento interessante que foi identificado entre 2020 e 2021 é o retorno à vida no campo, novos grupos e comunidades que deixam a vida urbana e instalam-se em pequenas vilas e aldeias, famílias que reestruturam sua vida profissional e hoje pelo trabalho remoto podem ter mais qualidade de vida junto à natureza, entre outros cenários que estimulam o olhar para zonas de baixa densidade e hoje dão novos propósitos para promover suas atividade.

Em termos de parceria nós fizemos candidaturas com o apoio da Câmara Municipal de Lousã. Nós temos a Serra da Lousã e temos a Serra e a partir de uma dada altura, por volta dos anos 60, as pessoas começaram a descer da Serra para buscarem melhores condições de vida e a Serra ficou esquecida (...). Houve aqui um esquecimento por parte dos municípios. E de repente começam a surgir pequenas unidades que dão potencial turístico a essas aldeias, nomeadamente Cerdeira. E a Câmara percebe esse valor. A partir desse momento nós temos o apoio deles. E são eles que nos contactam para as candidaturas. Porque é preciso iluminação pública, é preciso alcatroar as estradas, saneamento básico, apoio para recuperação. E agora estamos vendo algo muito bom que é finalmente as pessoas da Lousã e das zonas limítrofes perceber que se passa algo na Serra. E já estamos a conseguir trazer a comunidade cá acima (Joana Salgado, 38 anos, Home for Creativity - Cerdeira).

A diferença entre projetos e grupos dar-se pelas oportunidades e apoios desenvolvidos em conjunto com as entidades públicas, as comunidades e os realizadores, trazendo assim à tona as pautas de criatividade e cultura como transformadoras de território e desenvolvimento local de forma sustentável.

4.2 Território, turismo e patrimônios

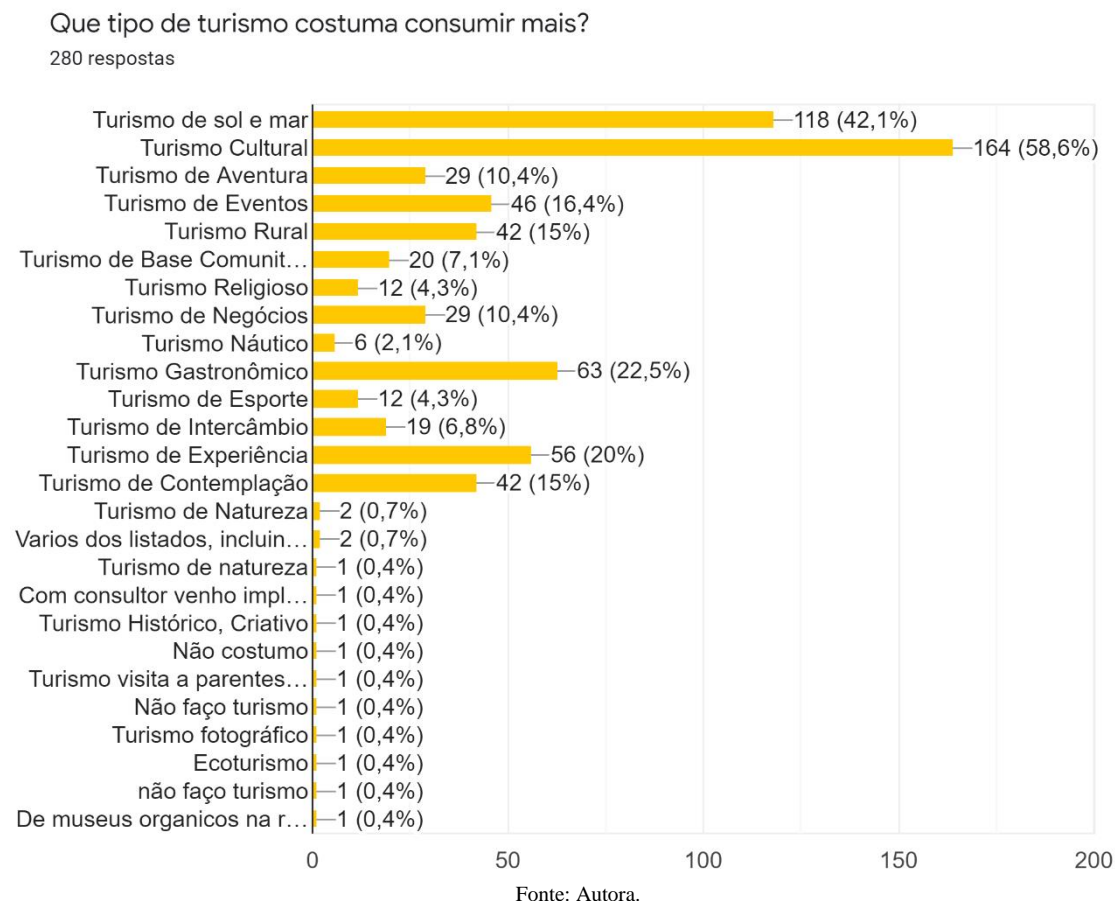
Dito isto, o segundo bloco sobre *turismo, turismo criativo e patrimônios* é focado nos territórios e experiências locais. Também como referido na terminologia de Economia Criativa, o Turismo Criativo traz confusões em sua definição. Identificou-se que 63,2% das pessoas já ouviram falar de Turismo Criativo e 36,8% ficaram entre o não e o talvez para o conceito. A verdade é que a terminologia turismo e suas multi-possibilidades podem trazer desarranjos e falta de compreensão. O ato de viajar, e as consequências positivas e negativas das interações e trânsito de pessoas pelo mundo, tende, no mundo contemporâneo, a ser massificado e insustentável para com a experiência do viajante e da comunidade local.

A problemática em questão é o grau de sustentabilidade das comunidades autóctones, pois as diversas ofertas turísticas, especialmente no recorte rural, tendem a ser ações isoladas, poucas inclusivas com a comunidade local e fechadas ao perfil de turistas, muitas vezes com poder aquisitivo maior. Referindo o turismo de aventura, eco, rural, de experiência, de base comunitária, contemplativa, entre outros, afirmamos que estamos perante atividades turísticas que pressupõem a valorização de práticas alternativas e conscientes para com os territórios e comunidades locais. Com os avanços do sistema de informação, a sociedade em geral está mais exigente no que toca ao investimento para uma experiência. Quer dizer que ela se distancia do lugar de espectador-observador e passa a integrar o conjunto de atividades e experiências, normalmente vinculadas à uma consciência ecológica, econômica e sociocultural.

Contudo, essa “sofisticação” de experienciar um território de forma sustentável e suas práticas locais, contrapõem o fluxo tradicional da sociedade de massa que segue consumindo o turismo de sol e mar e o turismo cultural. É interessante observar que mesmo as sociedades cada vez mais estimuladas pelos meios de comunicação sobre a conscientização ambiental, social, cultural e econômica ainda tendem para o *mainstream*, ou seja, o formato induzido pelo mercado capitalista que não oferece qualidade no

deslocamento para uma experiência, e sim, pacotes turísticos rápidos, volumosos e extensivos que prejudicam o território, os residentes e locais e claro, a absorção desse investimento para o viajante.

Gráfico 1. Preferências em termos de tipos de *turismo*



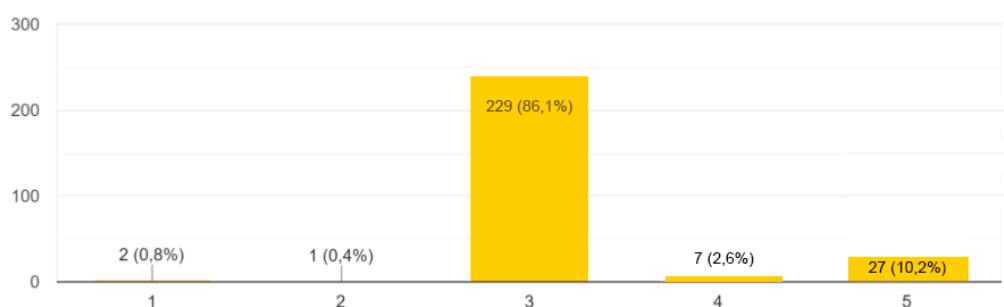
É importante salientar que o turismo cultural se articula em excursões que apresentam equipamentos culturais, monumentos, paisagens naturais, eventos variados, etc. Os patrimônios materiais e imateriais são essenciais para entender o lazer e o conhecimento do viajante. Porém, o descontrole exacerbado de turistas em conexões e passagens nesses espaços torna insustentável a manutenção e equilíbrio para com os territórios e comunidades locais. No caso da região de Cinfães os patrimônios arquitetônicos, naturais e equipamentos culturais estão na prioridade de ações das entidades públicas, associações e grupos, porém desconectados com a população local. Percebe-se que a promoção das atividades no território é caracterizada e publicitada sem o semblante dos residentes. Porquê? Por não representarem a estética atrativa para turistas? Por não corresponderem ao *status* de quem vai aí investir? São algumas

indagações sobre o formato presente de promover uma zona e de ser fiel a ela. Por esse motivo, não é possível articular o turismo criativo sem incluir os indivíduos locais que dão vida e resguardam a memória das manifestações culturais e naturais.

De acordo com o inquérito, 90% das respostas inclinam-se para o conhecimento do que é patrimônio material e imaterial. Todavia, no grau de importância dos patrimônios identificou-se que somente 10,5% considera de extrema importância em contraponto de 86,1% que assimilam com mais neutralidade. Será então que a falta de fomento para com espaços tão significativos do turismo de massa cultural relativiza seu valor no contexto maior? Esse dado é fundamental para reforçar as metodologias equivocadas na promoção do turista com o território, a comunidade e suas expressões. Na região de Cinfães não se detecta uma relação constante com os patrimônios, porém reconhecem o simbolismo dos mesmos para a identidade do lugar e atrativo para visitantes.

Gráfico 2. Identificação do grau de importância dos patrimônios sendo 1 menos importante e 5 muito importante

Se sim, marque o grau de importância para você
266 respostas



Fonte: Autora.

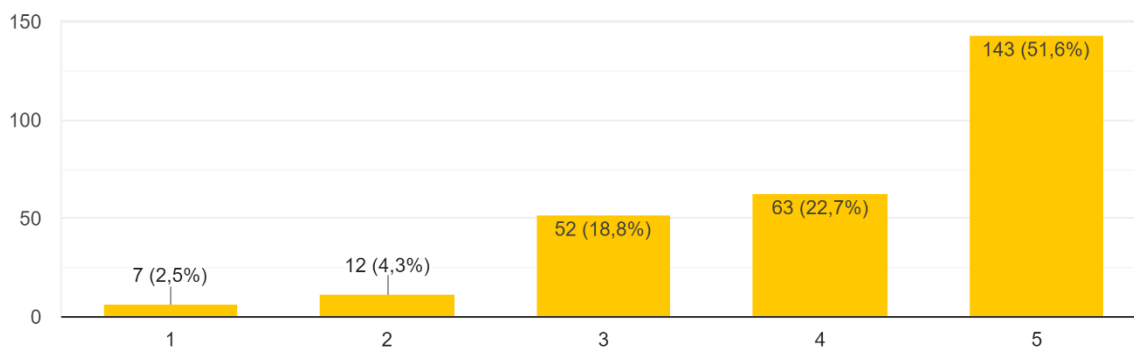
É curioso como a cultura pode atrair e intimidar, pois quando perguntado o grau de preocupação em interferir na realidade de um território como turista, 51,6% das pessoas afirmaram ser muito alta. Por outro lado, 18,8% seguem na neutralidade, comprovando assim uma inconstância e complexidade nas relações entre turistas e jornadas de entretenimento em diferentes destinos. Porém, as relações entre turistas e territórios geram um impacto para o desenvolvimento local, que traz consigo dinamismo e ritmos de acolhimento e experiências, de modo que deve ser compatível com as peculiaridades de cada local. O processo de desenvolvimento local está necessariamente

relacionado com o bem-estar das populações e com o respeito pelo ser humano enquanto agente do seu próprio desenvolvimento.

Gráfico 3. Representações acerca do grau de interferência no território como turista sendo 1 menos preocupação de interferência e 5 muita preocupação de interferência

Qual o seu grau de preocupação em interferir na realidade de um território como turista?

277 respostas



Fonte: Autora.

O turismo criativo, integrando atividades participativas, fomenta o contato com a população local e a sua cultura, desenvolvendo um processo de aprendizagem. De fato, as atividades propostas podem inspirar os turistas a envolver-se no destino, tirando partido dos recursos endógenos desse território. Neste sentido, o sucesso da própria atividade turística está diretamente associado aos recursos locais, contribuindo para sua preservação e desenvolvimento. Portanto, o turismo criativo apresenta-se como uma possibilidade única de aprender com o espaço e a comunidade. 81,4% das pessoas gostariam de experienciar o turismo criativo enquanto 15,7% ponderam a proposta. Para 51,1% acreditam que talvez haja iniciativas de turismo criativo em sua região, o que reflete nos 66,1% que nunca tiveram a experiência do turismo criativo.

Carla Grabrielli Galvão de Souza (2008) afirma que o termo "patrimônio" possui, na sua essência, a ideia de herança familiar, características de transmissão tanto de carga hereditária quanto dos bens transmitidos a um grupo e suas gerações futuras; apropriação de bens que persistem no plano familiar. Ao longo do tempo, o conceito de patrimônio adquiriu novos elementos e vinculou-se de forma interessante à ideia de cultura, dando vez à continuidade de bens culturais para além das famílias. Sendo assim, o conceito de

patrimônio cultural pressupõe um valor atribuído aos bens culturais que podem ser materiais ou imateriais no universo simbólico de determinado grupo social (Souza, 2008).

No que toca os projetos de ação da Câmara de Cinfães, o vereador Pedro Semblano reforça as fortes parcerias que atraem o turismo e a economia local e como tais estratégias que envolvem o patrimônio material e imaterial preservam a identidade e cultura local de forma singular e atrativa para o Norte de Portugal.

Acho que no passado essa força veio sem dúvida de fora e das parcerias que foram feitas ao longo dos anos do município com várias entidades como no caso da rota do românico que tem um papel fundamental, sendo o produto turístico mais bem desenvolvido na região. Tem um valor muito importante. E uns anos atrás foi realizado um trabalho muito grande de identificação, limpeza, etc de algumas ruínas da região. Naquela altura, nos anos 80 e 90 não era tão valorizado pelas pessoas a nível local. Só com essa ligação com as várias entidades e com essa ligação de explicar que as pessoas além de procurarem aquela ruína, procuram a história. Então, os grupos, associações e agentes perceberam que tinham de proteger muito mais o nosso patrimônio material. Porque o patrimônio imaterial acabou por estar presente na essência de um conjunto de projetos principalmente na abordagem leader. Um livro da associação SOS Rio Paiva com o apoio dos municípios sobre os últimos artesãos do Vale do Paiva. Hoje continua haver um trabalho de sensibilidade pela parte do executivo, principalmente impulsionado pelas ideias do senhor presidente da Câmara de Cinfães no sentido de obtermos cada vez mais essas sinergias entre o imaterial e o material. É fundamental termos essa ligação e ter uma história associada e para isso tem de estar associada às pessoas locais para sabê-la contar. É completamente diferente a história ser contada pelas pessoas que ali vivem do que pelo guia turístico. E os turistas valorizam muito esse contato. Cada vez o turismo de experiência em que as pessoas pegam uma mochila e caminham descobrindo novos territórios (Pedro Semblano, 39 anos, Vereador da Câmara de Cinfães).

Joana Faria esclarece a visão da Casa d'Abóbora em buscar as conexões de experiências criativas em Aldeia e como a vizinhança tem o papel principal em atravessar o turismo tradicional na região; ampliando a “onda” das conexões e colaborações:

Nós aqui acreditamos que é importante lutar contra esse capitalismo do turismo. O turismo só do capital e do dinheiro. Não sei se há 100 anos as pessoas tinham essa conversa, mas acho que está mudando a mentalidade das pessoas para as questões ambientais. Estar nesse sítio nos faz pensar em projetos que sejam direto com as pessoas. Temos vizinhos que podem estar nessa conexão e experiência para um turismo criativo. A Lurdes pode ensinar a cozinhar um esparregado, uma comida típica. Assim você absorve o sítio. E acho que é mais difícil na cidade ter esse movimento porque está tudo a fervilhar, mas aqui pode ter mais clareza nessas cocriações. Só com a rotina da comunidade é possível viver uma experiência local (Joana Faria, 24 anos, Casa d'Abóbora).

O primeiro projeto PS: Aldeia foi o *start* da Casa d'Abóbora em produção que se envolve a comunidade local de forma sutil, porém que contemplasse suas origens através

de coletas de provérbios relacionados aos meses do ano e que a Casa d'Abóbora materializasse em postais com fotografias e desenhos que remetem a semiótica dos ditados escolhidos.



Figuras 12. Postais de janeiro do projeto PS:Aldeia – primeiro projeto da Casa d'Abóbora

Fonte: Casa d'Abóbora.

O projeto afirma-se durante o ano de 2021, pois mantém uma relação de proximidade com a comunidade local sempre em comunicação e apresentação do produto final firmando a relação entre a Associação e a comunidade estabelecendo assim uma rede de afeto e reconhecimento das raízes do Lugar Aldeia e apresentando as conexões pelo mundo a partir de envio dos mesmos com o intuito principal de colocar a Aldeia no mapa. Criar esta interação entre artista e a comunidade local vai promover uma valorização das práticas artísticas na vida quotidiana da população e vai encorajar uma participação inclusiva (Duxbury & Campbell, 2009: 115).

O projeto seguinte envolve atividades de agricultura e permacultura como proposta de cruzamento de métodos de trabalhar a terra de forma tradicional e novas estratégias em respeito ao sistema ecológico, cultivo e produção de plantas autóctones, calendarização de plantio e por consequência a reflexão sobre a independência alimentar, saúde e qualidade de vida. Desta forma, inicialmente, a Casa d'Abóbora observou os processos do lugar de Aldeia que mantém viva as tradições de plantio que estão de acordo com a época do ano; proveito do terreno da Casa para testes e aprendizados junto com a comunidade local; processo de ecossistema higiênico que ajuda a reduzir o lixo e emissões de gases do efeito estufa através de composteiras; produtos de limpeza naturais a partir de ingredientes orgânicos que não agredem o meio ambiente e, para finalizar,

rotina de troca e compra de produtos de vizinhos, além da participação ativa no plantio de batatas (ver Figura 13). É essencial promover a ideia de que cada “comunidade deve ter um sentido de identidade claro, reforçado pelo desejo dos cidadãos em recuperarem uma autodeterminação baseada na comunidade” (Duxbury & Campbell, 2009:12).

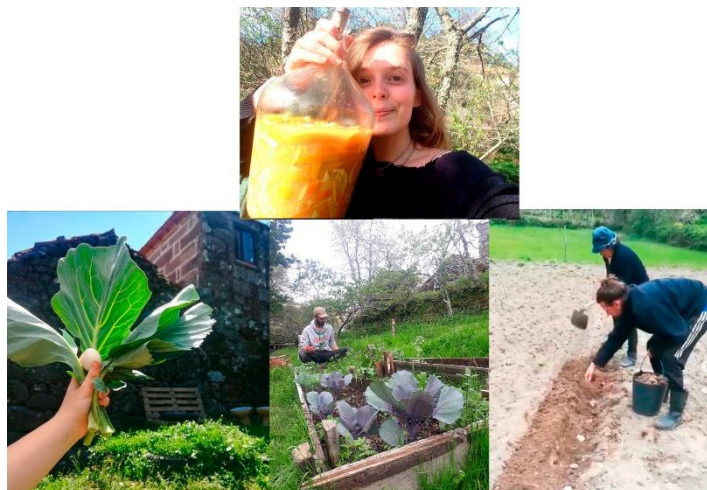


Figura 13. Horta e trabalho em campo da Casa d’Abóbora com moradores da Aldeia

Fonte: Casa d’Abóbora.

A cultura alimentar e agricultura tradicional são processos agregadores de relações sociais e culturais. O processo de feitura dos jovens da Casa d’Abóbora junto à comunidade local promove uma troca interessante, pois mantém a tradição e cultiva ações e identidades próprias de uma região e uma população. Porém, a inovação e *refresh* de novas ferramentas para refletir e trabalhar a terra são essenciais para romper vícios e estruturas que prejudicam os processos internos da agricultura. Uma vez que foi identificado que os sistemas de plantio têm como finalidade à venda para terceiros o uso de agrotóxicos e pesticidas para acelerar os processos de colheita e “qualidade” dos produtos. Portanto, comprova que nem tudo que vem de pequenos produtores locais são 100% saudáveis e orgânicos. A população rural sofre com o tempo de força e trabalho e retorno financeiro, utilizando químicos em vez de fertilizantes naturais, por exemplo, método sustentável para dar nutrientes à terra e ao plantio. A Casa d’Abóbora pretende desenvolver cada vez mais iniciativas que estimulem trocas de saberes geracionais e métodos de produção da terra.

Acho que estamos numa tendência de voltar às nossas raízes, o nosso ser mais primário. Ensinar as pessoas a voltar às origens de forma criativa[...]. Há muita gente que nos procura que vem dos centros urbanos e a sociedade hoje em dia não há uma tolerância ao erro. E uma das coisas que eu acho que as pessoas adoram, é que mesmo que seja errado, é perfeito. Por que? Porque houve dedicação naquele momento. Se continuarmos a trabalhar nesta linha em que temos que trabalhar com

aquilo que temos, mesmo que seja pouco, em que menos é mais, a mesma qualidade a quem nos procura e também fazer-lhe perceber que nem tudo na vida é fácil e que errar é perfeito. E mesmo as casas, feitas de xisto e madeira, não são perfeitas, mas são. É nessa imperfeição que reside a beleza (Joana Salgado, 38 anos, Home for Creativity - Cerdeira).

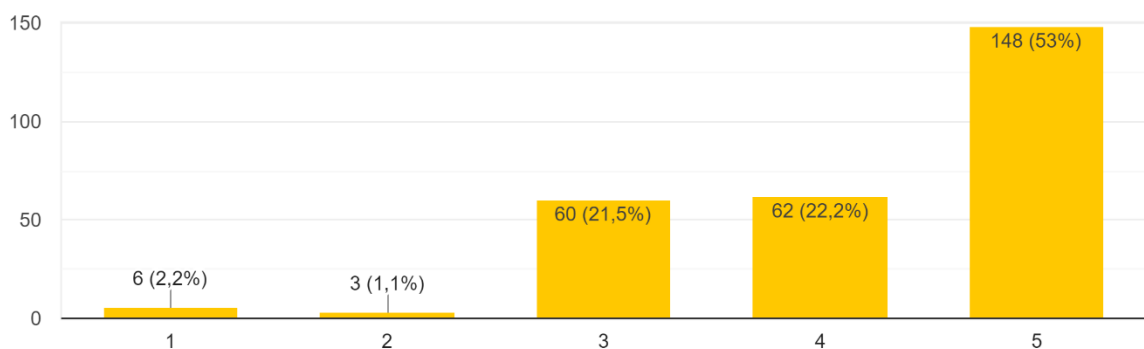
A gestão responsável nos espaços recortados para análise procede de um trabalho de mapeamento, que no caso da cultura, segmento muitas vezes frágil, reforça o fluxo de conhecimento das questões sociais e da “vida real” (Duxbury, 2020). A Casa d’Abóbora a partir da comunidade local mapeia suas características naturais, culturais e sociais para desenvolver iniciativas que vão de encontro com a sustentabilidade do lugar de Aldeia. Mapear é a ação em que Duxbury defende que “as principais abordagens ao mapeamento cultural tendem a reconhecer a natureza mutável e fragmentada de muitas comunidades e visam refletir e privilegiar conhecimentos locais pluralistas, percepções de importância, e formas de compreensão” (2020: 12).

4.3 Residências artísticas e desenvolvimento sustentável

No bloco final do inquérito, *Residências Artísticas*, 64,3% das pessoas afirmam que sabem o que é residência artística, em contrapartida 85,6% nunca participaram de um programa de residência artística. No entanto, 42,6% dos indivíduos obtiveram essa experiência, sendo estes situados no Brasil e 14,8% em Portugal.

Gráfico 4. Representação da relevância dos projetos de residências artísticas sendo 1 menos importante e 5 mais importante

Em que grau de importância você acredita na relevância dos projetos de residências artísticas?
279 respostas



Fonte: Autora.

No momento em que se identifica uma inclinação positiva para as residências artísticas, mesmo que a maioria das pessoas não tenham participado dessa experiência, percebe-se a necessidade de ações de fomento e conexão para atrair aspirantes, viajantes e curiosos que queiram uma vivência única e exclusiva. Dado que 80% das pessoas gostaria que tivesse um projeto de residência artística em sua região.

Portanto, é fundamental articular a difusão das iniciativas de residências artísticas, seja urbana ou rural, de forma que dê oportunidade para que o sistema turístico e de entretenimento transforme positivamente nossas experiências como indivíduos e como coletivo. Quando há ponderação na participação de programas de residência artística, logo vê-se a necessidade de apresentar as multi-possibilidades de programas de residência e vivência criativa para que a sociedade se sinta à vontade para inserção e compreensão das vantagens de experienciar as atividades das residências artísticas. Em relação ao dinamismo das atividades a partir do reconhecimento dos insumos da região de Lousã e crescimento da comunidade, Joana Salgado afirma que a Home for Creativity posiciona-se no turismo criativo. Porém não como fio condutor e sim a criatividade por consequência estabelecer uma relação com o turista para a experiência local.

Nesse momento somos uma incubadora de artes, mesmo nos próprios cursos há criação, não é só nas residências artísticas, portanto há criação. Mesmo o turista que nos visita e que ignora este lado da criação, quando vem também cria. E de fato o que se pretendia inicialmente que era criar estruturas para os nossos artistas acabou também por aumentar para a parte turística, mas nunca é só turística. Quem vem cá descobre sempre mais qualquer coisa. Assim que entram na aldeia tem escrito Escola d'Artes e as pessoas ficam: tem uma escola? Tem residências artísticas? Ai eu não sabia! Chegam à galeria e percebem o que fazem aqui, porque temos nossas obras expostas para venda e outras de caráter expositivo (Joana Salgado, 38 anos, Home for Creativity - Cerdeira).

Relativamente às residências artísticas e a complexidade da pandemia COVID-19 é interessante observar que a Cerdeira - Home for Creativity não abre mão dos formatos de interação com os artistas e turistas que acredita que o digital jamais substituiria o sentido de experiência local. Além de reconhecer que a presença do Estado é fundamental para manutenção e crescimento do projeto, alinhando assim suas necessidades e fragilidades em comunicação direta à Câmara e Freguesia local que reconhecem o movimento econômico e impacto positivo da Cerdeira - Home for Creativity para com a Serra de Lousã, os pequenos comércios ao entorno além das comunidades locais e vizinhas.

Os residentes ficam no mínimo duas semanas e normalmente no máximo 4 semanas. Não exige projeto final. Claro que apresentasse um projeto inicial, mas não tem que

o terminar aqui, nem resultados. Vale a experiência. A hora da refeição era a hora deles. Juntavam-se todos e conversavam sobre aquilo que estavam a fazer. Tenho certeza que aquelas pequenas conversas durante o horário da refeição é um momento chave para troca de experiências. Porque a comida é um agregador de pessoas (Joana Salgado, 38 anos, Home for Creativity - Cerdeira).

As residências artísticas são experiências que revelam o artista e suas manifestações artísticas e culturais associada ao ativismo. Como apresenta Raposo (2015), o ativismo intensifica a resistência e inquietações globais, tornando o território o cenário de intervenção efetivo para sua arte. Sendo as zonas de baixa densidade favoráveis para as reflexões sobre criatividade, artes e cultura.

Joana Faria descreve os objetivos da associação juvenil Casa d'Abóbora que inclui os ofícios das artes e da criatividade como intermediário dos novos olhares para a zona de baixa densidade, acreditando que seja inspiradora para novos artistas e produtos que desempenhem no Lugar.

A Casa d'Abóbora quer atrair jovens e pessoas para o campo, mas com o cuidado e respeito com a comunidade local. Como nada está a acontecer na aldeia, a Casa d'Abóbora quer trazer artistas e envolver todas as partes para produções artísticas na Aldeia. Com a nossa organização e abertura a Aldeia o projeto de residência artística propõe a conexão desses dois mundos (Joana Faria, 24 anos, Casa d'Abóbora).

O projeto Atividades da ADACC é uma iniciativa da Casa d'Abóbora junto à Associação para o Desenvolvimento do Alto Concelho de Cinfães que propõe apoiar os idosos, prestando vários serviços, promovendo a integração dos jovens e apoio às famílias da região de Cinfães. Como também desenvolver a entreaajuda moral, intelectual e material, divulgando os valores artísticos, culturais, socioeconômicos, preservando os costumes e tradições da região.

Portanto, desenvolve-se uma programação artística e lúdica com atividades de dança, pintura, rodas de conversa, teatro, cinema, literatura, etc., para fortalecer e incentivar o bem-estar dos idosos que durante a pandemia da COVID-19 estiveram isolados e sem apoio dos projetos da região. Sendo assim, a Casa d'Abóbora mensalmente apresenta junto à Associação da ADACC uma atividade que conecta a população ao momento presente através de uma atividade artística ou à memória através de histórias; fundamentais para o estímulo cognitivo. A receção positiva reforça que pequenas atividades fazem grande diferença para o grupo que se reúne na Aldeia tanto no corpo da

Associação com a colaboração dos projetos com os grupos mais idosos que estão presencialmente na Associação.



Figuras 14. Atividades artísticas na Associação ADACC, 2021

Fonte: Casa d'Abóbora.

O grande objetivo dessas iniciativas é - a partir da mediação - criar uma ponte entre o habitual e o novo, tradição e inovação, passado e futuro. Os resultados identificados até o momento é que a comunidade se sente confortável e em sintonia com a Casa d'Abóbora, que existe integração dos grupos e associações que desenvolvem projetos para a região de Cinfães, e, a interlocução junto ao Estado que nas categorias de Câmara e Freguesia já se colocaram ao dispor do desenvolvimento de ações e reflexões para o crescimento sustentável das pequenas aldeias de Cinfães.

O vereador reforça as oportunidades únicas que existem na região de forma que os desafios do meio rural não sejam impedimentos para novos empreendimentos e projetos que busquem fomentar a cultura de Cinfães de forma a projetar futuros sustentáveis.

A rede que criamos pelo concelho é fundamental para o êxito dessas conexões. Conseguir ligar uma aldeia que fica a 30/40m de altitude a outra que está no topo da montanha. Isso faz com que as pessoas consigam perceber que efetivamente vivem num concelho fantástico e com apoio de todas as instâncias. Os apoios para projetos e atividades diferentes e criativas fazem com que o desenvolvimento possa acontecer. Não tenha a mínima dúvida que o plano que está estruturado para o futuro passa pelos contributos que o senhor presidente foi colhendo em cada um desses espaços de forma que no futuro possa ligar cada um deles e fazer com que o concelho seja cada vez mais unido e possa tirar partido das qualidades de cada local e isso nos tempos que correm, nos tempo de hoje, apesar de vivermos a questão da globalização, é extremamente desafiante fazer isto a nível local e fazer isto com populações que têm tido muito dificuldades ao longo da vida e muitas vezes desestruturadas por pessoas que migraram e por familiares que trabalham lá fora mas que hoje começam também a perceber que existe oportunidade mas essa oportunidade também exige da parte dele e de todos nós um grande trabalho. Se esse trabalho é feito cá todos nós ganhamos. E para quem tem a oportunidade de exercer essas funções é gratificante

quando isto começa a acontecer. É preciso descobrir Cinfães, gostar de curvas, saber parar nos pontos certos para disfrutar das paisagens. Só assim é que se constrói uma relação com o lugar, com as pessoas e com os patrimônios e histórias (Pedro Semblano, 39 anos, Vereador da Câmara de Cinfães).

Territórios Criativos devem ser reconhecidos pela sua capacidade de estruturação de ecossistemas que estimulem a imaginação, a transformação de ideias e de experiências em protótipos que contribuam para a ampliação da riqueza cultural, política, social, ambiental e econômica. Os múltiplos futuros sustentáveis são balanceados pelo contato consciente com o território, as multiplicidades identitárias, seus biomas e sua energia. A simbioses entre espaço e comunidade reafirma as potências entre natureza e ser humano. (Morin, 2000: 76) deixa clara a necessidade de se aprender a “ser, viver, dividir e comunicar como humanos do planeta Terra, não mais somente pertencer a uma cultura, mas também ser terrenos”.

Alcançar os futuros sustentáveis envolve além do indivíduo, firmar relações mais autônomas das governanças e entidades não governamentais, como demonstra o trecho a seguir do documento Plano Internacional de Implementação da UNESCO:

O que fica claro em todas essas interpretações é que conceitos de desenvolvimento sustentável estão estreitamente vinculados a diferentes modelos de desenvolvimento sociais e econômicos. Temas cruciais giram em torno de quem tem acesso legítimo, controle e uso dos recursos naturais. Portanto, o elemento humano é fundamental – os direitos e responsabilidades, os papéis e relações pessoais, instituições, países, regiões e blocos sociopolíticos são essenciais para marcar o rumo do desenvolvimento sustentável. Em outras palavras, tanto as relações sociais e econômicas entre as pessoas e instituições quanto as relações entre sociedade e recursos naturais é que facilitarão ou dificultarão o progresso em direção ao desenvolvimento sustentável. (UNESCO, 2005: 38).

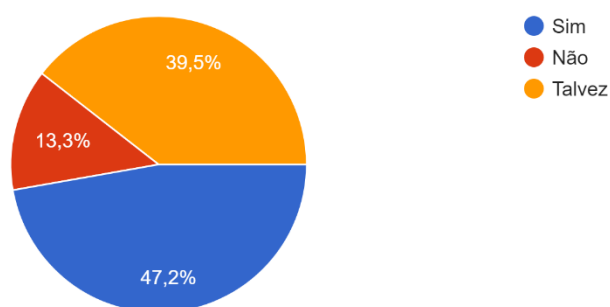
Joana Faria discorre sobre as ações que fundamentam um futuro sustentável consciente e em harmonia com as relações sociais e a Terra:

Para mim, um futuro sustentável passa por plantarmos as nossas coisas, buscarmos ser autossuficientes que isso é incrível e muito possível. Seja com produtos para cozinha, para comer, para construir. Desligar-te ao máximo do que é que tu tens que dar à sociedade e tens que pagar por. Ou seja, que tenhamos todos consciência do impacto que causamos. Temos realmente atitudes de conexão com a comunidade? Comprar do local, por exemplo. E a sociedade em geral gasta seu capital com produtos do grande mercado. As pessoas devem olhar mais para o seu centro. Esse é o futuro sustentável que eu desejo (Joana Faria, 24 anos, Casa d’Abóbora).

Gráfico 5. Identificação do interesse em participar em residências artísticas

Se sim, participaria?

271 respostas



Fonte: Autora.

O que convida os criativos, aspirantes e viajantes a viver uma experiência de residência artística, além da própria produção artística, são os momentos de encontro e troca. Por isso, muitos responderam que a gastronomia, música, agricultura, tertúlia literária, entre outros, são atividades que agregam e estimulam a cocriação e colaboração; estímulos fundamentais para a imersão no espaço/tempo através das artes e da natureza.

Então, foi possível analisar pontos de vista distintos sobre desenvolvimento no corpo associativo de projetos de longo prazo e de constituição recente como também o ponto de vista político para com relação da sociedade, atividades e projetos que estimulam dinâmicas culturais, criativas e turísticas. Portanto, é possível concluir uma lacuna complexa entre novos empreendimentos como o caso da Casa d'Abóbora - que teve pouca receção da Junta de Freguesia de Ferreiros de Tendaís, porém abertura de comunicação com a Câmara de Cinfães. Projetos embrionários ou com pouco portfólio seguem com dificuldades de inserção e comprovam solidão na jornada de fomentar e produzir planos de ação no seu recorte de atividades.

Há um problema estrutural na comunicação de imagem da região de Cinfães pois as entidades públicas ainda persistem no formato de fomentar seus patrimônios através de negócios fechados a pequenos grupos (como o turismo náutico que segue no Rio Douro

e Rio Bestança de forma insustentável; poluente no espaço e na estética e de custo inacessível às comunidades locais).

Percebe-se que o turismo rural, por exemplo, também se fecha aos alojamentos locais e existe pouco consumo dos bens e serviços locais; o que isola ainda mais o turista das comunidades locais que sentem-se sozinhas e pouco necessárias para o movimento local. Semelhantemente às atividades associativas e grupos que muitas vezes não conseguem dar concretude às iniciativas pois estão sozinhas e não têm força para dar sustentabilidade às suas ações.

Não é possível apenas fomentar os patrimônios materiais e imateriais de uma região se não acolhermos quem dá identidade, história e corpo para esse território. O turismo e a cultura devem seguir correlatas e devem estar em comunhão com o desenvolvimento de qualidades de vida para quem ali vive. Não é possível seguirmos práticas individualistas em regiões frágeis de infraestrutura básica como a do Concelho de Cinfães, por exemplo. Equipamentos culturais, atividades em freguesias, levantamento de indicadores e necessidades de todas as aldeias são algumas das políticas públicas e humanitárias para a sustentabilidade e caminhar para um futuro melhor.

Sendo o turismo o maior gerador de experiências (Binkhorst, 2008), o senso de colaboração e cocriação são fundamentais para a qualidade do envolvimento entre o local e o viajante, conectado aos marcos legais e políticas públicas a favor do território e sua comunidade. A preservação e estímulo para o desenvolvimento local dar-se pelo cuidado do comum-comunitário (Lafuente, 2021); a relação do bem comum e nossos patrimônios. Cuidar é a atitude amorosa de conectar natureza, sociedade e cultura.

4.4 Desenho de futuros sustentáveis

As economias dos futuros são identificadas hoje através de projetos nos setores culturais, criativos e turísticos que apuram um olhar para os valores além do tangíveis e sim os intangíveis que reforçam o impacto positivo entre a sociedade, o território e suas identidades. Reforçar os bens comuns a partir da relação com a natureza e do que através dela podemos criar, compartilhar, colaborar e cooperar; ações fundamentais para que a sociedade entre efetivamente no século XXI.

Contudo, podemos pontuar as primeiras conclusões como necessárias análises sobre as repercussões *in loco* de empreendimentos, projetos e iniciativas que por meio da

cultura e da criatividade necessitam de reconhecimento seja na literacia e teoria sobre as economias, como as consequências do isolamento dos mesmos perante o mercado cultural e turístico tradicional.

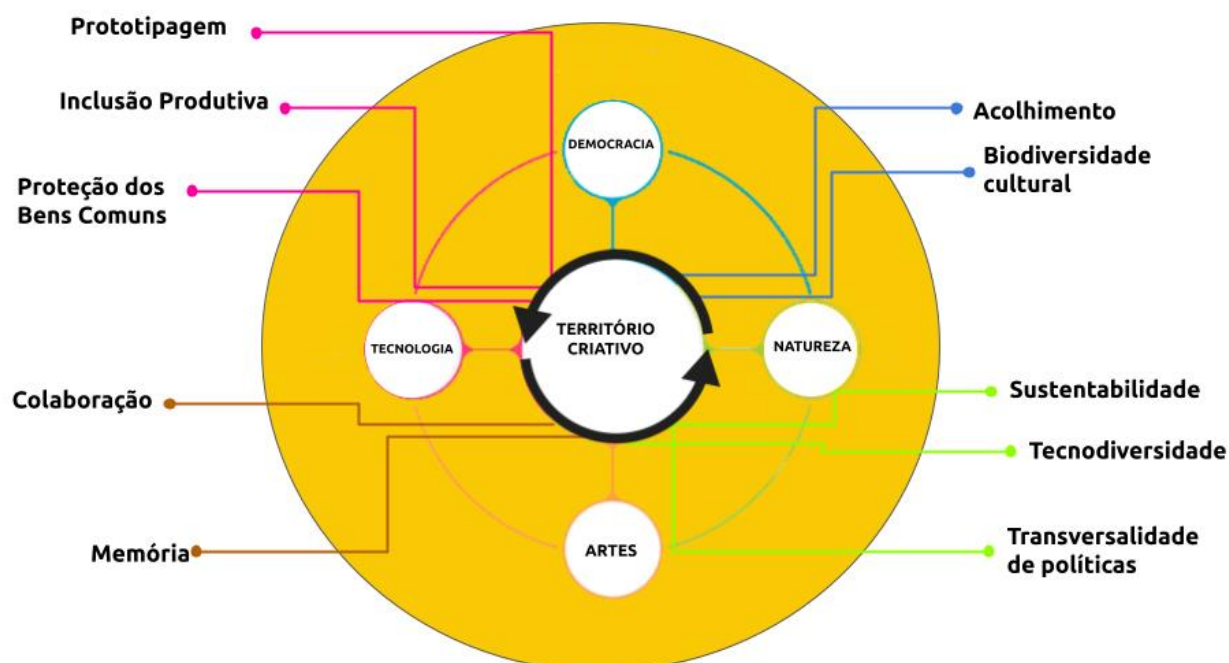
A criação de espaços para pensar, planejar e agir com imaginação (Landry, 2013) estimulam uma cidade criativa e geram protagonismo à comunidade local. A criatividade não é um pensamento isolado e sim coletivo, sendo assim seu recurso mais autêntico para o dinamismo do território e da comunidade. Como “A criatividade tem uma capacidade polivalente de solução de problemas e de criação de oportunidades” (Landry, 2013: 7), a diversidade de amplas aplicações de políticas públicas, novas metodologias e ações para com os territórios estimula o desenvolvimento social, cultural e económico.

Ex-ministro da Cultura de Cabo Verde, Mário Lúcio, atenta às novas possibilidades de identificação das culturas e da economia criativa, que devem ser apresentadas no plural, e que demonstram um mundo que transcende seu próprio espaço territorial e suas heranças. A era digital atravessa o lugar de ferramenta e inclui-se como meio de pensar e de (re)existir no planeta.

Na cultura simples, não só podemos afirmar o que somos, como também temos a liberdade de dizer o que não queremos ser. Isso é importante. O que poderia ser o topo do fenómeno democrático. As pessoas já não têm uma identidade que é imposta pelo seu passado, pela primeira vez, mas você é livre de escolher a sua própria identidade. A capacidade de reciclar as circunstâncias. E é isso que se pode chamar de economia criativa. Porque é muito criativo. E não é uma economia especulativa. É sobrevivência com criatividade. (Leitão & Lúcio (Org.), 2015: 163)

devem ser propostas para a compreensão do grupo social estamos apresentando, que território delimitamos, quais fragilidades são diagnosticadas e quais potenciais bens e serviços podem ser desenvolvidos para o caminho de sustentabilidade e qualidade de vida desse processo. Para tal, fomentar a biodiversidade e tecno-diversidade cultural reforça o ecossistema de uma comunidade/território criativo e sustentável como dinâmica que valoriza o intangível e que estimula a colaboração entre grupos, entidades, coletivos, etc., desenvolvendo estratégias de crescimento sadio local.

Figura 15. Organograma de atividades e ações que compõem um território criativo



Fonte: Tempo de Hermes.

O desenho mental acima apresenta dinâmicas que asseguram a sustentabilidade de territórios criativos. As zonas desertificadas e de baixa densidade necessitam da união de todos para romper as barreiras e projetar meios criativos de encarar seus desafios. Significa que, no caso da Aldeia - microrregião, é fundamental a transversalidade entre comunidades e entidades. A Casa d'Abóbora como também outras associações, sentem-se solitárias em suas pequenas freguesias, necessitando assim de um modelo próprio para acolher, mediar, colaborar e proteger seus empreendimentos culturais e criativos.

Sendo a moeda do futuro a criatividade, um meio de resolução para a crise humanitária e ecológica, a criatividade deve ser utilizada para as novas gerações como peça chave de desenvolvimento pessoal e coletivo a partir dos recursos locais. Esse ato de inovação é baseado na participação ativa da comunidade em jornada para futuros sustentáveis (Sá Marques, 2004).

Capítulo 5. Remates Finais

Frutificam a terra. Essa é a cultura. Até porque olhe a palavra. É na terra que se cultiva, não é no ar.
(Lúcio, 2015: 161).

Iniciativas criativas em zonas de baixa densidade estimulam a visibilidade daqueles que são tidos como invisíveis e valorizar a diversidade das experiências. A riqueza tangível e intangível encontrada em regiões como o concelho de Cinfães; lugar de tempo singular, pautado por um forte êxodo rural, porém presente nas suas tradições e identidades históricas. E para a preservação de lugares como o de Aldeia é fundamental identificar as nuances do território, estimulando o senso de coletivo. Essas comunidades necessitam de ecossistemas favoráveis à proteção dos bens comuns e modelos de desenvolvimento sustentável – especialmente em territórios desertificados, de baixa densidade e maior idade. Estratégias em conjunto da Quádrupla Hélice (governo, empresa, universidade e sociedade civil) são urgentes e essenciais para a vida em territórios frágeis.

A cultura não aparece diretamente, mas é transversal aos 17 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável e na Agenda 2030, princípios esses que são essenciais para um território sustentável e de impacto positivo na comunidade. É fundamental identificar que tipos de tecnologia são estratégicas para aquele território, pois na era digital, especialmente com a pandemia Covid-19, reestruturou os meios de estar em sociedade. A tecnologia como instrumento de comunicação e tecnologia como *soft power* de cosmotécnicas (Hui, 2020); ponto de ação importante para preservar, incentivar e promover um território e uma comunidade. Portanto, a jornada dos futuros sustentáveis dá-se pela cultura como ética e estética de cada comunidade, turismo como experiência transformadora, economia criativa como dinâmica que valoriza o tangível e intangível e territórios criativos que articulam sua comunidade e bens e serviços a atingir objetivos comuns para o desenvolvimento sustentável.

Para desenvolver um “ecossistema criativo” é necessário conectar o território junto d0a inovação de todas as áreas que articulam na sociedade (saúde, educação, serviços sociais, governanças, etc.). Assim, o século XXI vai ao encontro das manifestações culturais, artísticas e criativas como estratégia para desenvolver soluções sustentáveis e de impacto positivo para com o território, a preservação dos patrimônios,

as atividades culturais, as experiências turísticas, a qualidade de vida, e, principalmente, o sentimento de pertença.

Não devemos reduzir a criatividade ao campo das ideias, muito pelo contrário. Indivíduos dinâmicos, produtores de novos métodos e saberes, consciência do passado e estratégias para os futuros são as largas características de um ecossistema criativo, tornando-se assim a força motriz das sociedades, sistemas econômicos e da evolução humana.

Conclui-se, então, alguns pontos durante a jornada dessa pesquisa de investigação para continuidade de reflexões e observações sobre as hipóteses:

- O turismo fomentado na região de Cinfães segue na linha tradicional de fomento à região.
- As associações da região desenvolvem os seus projetos de forma independente, mas seguem a agenda das entidades públicas para viabilizar suas ações.
- A economia criativa não está difundida na sociedade sendo aplicada e fomentada em pontos focais.
- O turismo criativo é a estratégia do momento presente para desenvolver os organismos internos de um território especialmente em zonas de baixa densidade.

Durante o processo de elaboração da pesquisa científica, a Casa d'Abóbora esteve presente no dia 28 de junho de 2021 no encontro de Associações Juvenis no 25º aniversário da Federação Nacional das Associações Juvenis (FNAJ), em Lisboa, junto do Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa e do secretário de Estado da Juventude e do Desporto, João Paulo Rebelo, os “Objetivos da Juventude Portuguesa”. O ponto abordado pela Casa d'Abóbora dentre os 25 objetivos da juventude portuguesa foi o ponto dezanove - alimentação saudável e sustentável.



Figura 16. Encontro da Federação Nacional das Associações Juvenis, Lisboa, 2021

Fonte: Federação Nacional das Associações Juvenis(FNAJ).

Portanto, a reflexão em torno do objeto de estudo ressalta algumas tendências que alinha a Casa D'Abóbora e atividades desenvolvidas que permitem identificar esta iniciativa e processo como determinante para a efetivação do desenvolvimento sustentável de Aldeia assente:

- na correlação entre economia criativa e turismo criativo incrementada pelas atividades, mostrando que essa deve ser pauta para políticas públicas que buscam futuros sustentáveis;
- no facto de as Residências Artísticas serem já atividades de impacto positivo que estimulam - por meio das artes - uma experiência com valor agregado no território;
- na força associativa de preservação dos patrimônios que possuem valores intangíveis e são fundamentais para combater a fragmentação identitária e ativar dinâmicas criativo-económicas;
- na importância dos princípios de mediação, de acolhimento, de colaboração da associação no reforço da memória para a constituição de futuros mais sustentáveis;
- no facto de que a Casa d'Abóbora através de seus projetos estimular o protagonismo e a “marca” do lugar de Aldeia.

Assim, exoravelmente, a Casa d'Abóbora possui um potencial extenso de ampliação dos seus segmentos de atividades, estimulando outros grupos e jovens a repensar o modo de (re)conhecer a terra, identificar tradições e novas identidades, cooperar e compartilhar futuros sustentáveis em respeito aos territórios e suas comunidades, seja urbano ou rural. Se a manifestação de culturas deu origem ao fenômeno do turismo (Lúcio, 2015) reforçando que cultura não é manifestação turística, nem produto turístico; as reflexões desta pesquisa procuram instigar novas epistemologias que poderão tecer as políticas públicas, projetos associativos e civis para - em conjunto - desenvolvermos futuros sustentáveis em respeito deste ecossistema de baixa densidade.

Sendo assim, concluímos que o ecossistema das ações sociais, culturais e territoriais de Aldeia deve ser humanizado, preservando o passado e inovando os futuros, buscando integração entre gerações e culturas; em respeito com o território e a natureza e em comunhão com as comunidades e o trânsito de pessoas em busca de experiências. Uma releitura da economia criativa junto com o turismo criativo emerge como dinâmica que valoriza o intangível e que estimula a colaboração entre pessoas, comunidades, instituições, coletivos, sistemas produtivos e redes, reconciliando estratégias locais com processos globais.

Referências Bibliográficas

- Banducci, A. (2003). Turismo Cultural e Patrimônio: A memória pantneira no curso do rio Paraguai. *Porto Alegre: Horizontes Antropológicos*, ano 9, n. 20, 117-140.
- Binkhorst, E. (2008). Turismo de co-creación, valor anadido en escenarios turísticos. *Journal of Tourism Research*, 1, 40-51.
- Bourdieu, P. (2004). O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Buren, D. (1971). *The Function of the Studio*. October, Vol. 10 (Autumn, 1979), pp. 51-58 October 10 (Fall): 51–59.
- Burawoy, M. (n.d.) Entrevista – Michael Burawoy. Revista Cult. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/entrevista-michael-burawoy/>
- Burawoy, M. (1998). Critical Sociology: A dialogue between two sciences. *Contemporary Sociology*.
- Burawoy, M. (2014). Marxismo sociológico: quatro países, quatro décadas, quatro grandes transformações e uma tradição crítica. Tradução de Guirau, M & Jardim, F. Alameda: São Paulo.
- Castells, M. (1999). *A Era da Informação: Economia, sociedade e cultura*. São Paulo: Ed. Paz e Terra vol. 1 - O Poder da Identidade.
- Campo, L. R.; Brea, J. A. F. & Rodriguez, D. (2011). Tourist Destination image formed by the cinema: Barcelona positioning through the feature film Vicky Cristina Barcelona, Vigo. *European Journal of Tourism, Hospitality and Recreation*, Vol. 2, Issue 1, 137-154,
- Costa, P. (2011). *Da retórica das cidades criativas ao entendimento da criatividade nas actividades culturais: algumas pistas para reflexão*. Faro: Direção Regional de Cultura do Algarve.
- Carayannis, E. G. & Campbell, D. F. (2009). *Mode 3 and quadruple helix: toward a 21st century fractal innovation ecosystem*. *International Journal of Technology Management*, 201-234.
- Duxbury, N. & Campbell, H. (2009). *Developing and Revitalizing Rural Communities Through Arts and Creativity: A Literature Review*. Canada: Centre for Policy Research on Culture and Communities Simon Fraser University.

Duxbury, N., & Jeannotte, M. S. (2011). Introduction: Culture and Sustainable Communities. *Culture and Local Governance*, 3:1-2(1), 1–10.

Duxbury, Nancy (2020). Mapeamento cultural. Enfrentar o desafio de políticas e planeamento culturais mais participativos e pluralistas. *Todas as Artes. Revista Luso-brasileira de Artes e Cultura*, 10-24.

Drucker, P. (2000). Além da revolução da Informação. V.18, n. ½

Ferreira, H. C. H. (2014). A organização da memória coletiva na defesa do território e na criação do produto turístico: um estudo sobre a Ilha Grande, RJ. Rio de Janeiro: Caderno Virtual de Turismo, v. 14, n. 1.

Ferreira, M. S. C. P. (1994). Cinfães Cresce...Portugal: Jornal Miradouro n.º 942.

Ferrão, J. (2011). O ordenamento do território como política pública. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Furtado, C. (1984). Cultura e Desenvolvimento em época de crise. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Fortuna, C. (1999). Identidades, percursos, paisagens culturais: Estudos sociológicos de cultura urbana. Oeiras: Celta Editora.

Garrett, A. (1857). *O Noivado no Dafundo, ou Cada Terra Com Seu Uso, Cada Roca com Seu Fuso*, provérbio num acto: Lisboa.

Gonçalves, A., Marques, A., Tavares, J., Cabeça, M & Moreira, S. (2020). *Creative Tourism: the creatour recipe book* Portugal: Universidade do Algarve.

Guerra, P. (2020a). Elogio da improbabilidade do património. In Oliveira, G.M. & Vieira, K.M.A. (Eds.). *Patrimônio, povos do campo e memórias: diálogos com a cultura, a arte e a educação* (pp.47-66). Mossoró: EdUFERSA.

Guerra, P. (2020b). Other Scenes, Other Cities and Other Sounds in the Global South: DIY Music Scenes beyond the Creative City. *Journal of Arts Management and Cultural Policy*, 1, 55-75.

Guerra, P. (2019a). Nothing is forever: um ensaio sobre as artes urbanas de Miguel Januário±MaisMenos±. Porto Alegre: Horiz. antropol., ano 25, n. 55, 19-49.

- Guerra, P. (2019b). Artes ilimitadas. In Guerra, P. & Dabul, L. (Eds.). *De Vidas Artes* (pp.376-381). Porto: Universidade do Porto – Faculdade de Letras.
- Guerra, P. & Menezes, P. (2021). So far, so close: Contemporary faces of Portuguese and Brazilian punk scenes. In Bestley, R.; Dines, M.; Guerra, P. & Gordon, A. (Eds.). *Trans-Global Punk Scenes. The Punk Reader Volume 2*. Fishponds, Bristol: Intellect Books
- Guerra, P. & Siteo, T. (2019). Ritmo, palavra e poesia. In Siteo, T. & Guerra, P. (Orgs.). *Reinventar o discurso e o palco. O rap, entre saberes locais e saberes globais* (pp.15-27). Porto: Universidade do Porto – Faculdade de Letras
- Howard, F.; Bennett, A.; Green, B.; Guerra, P.; Sousa, S. & Sofija, E. (2021). ‘It’s Turned Me from a Professional to a “Bedroom DJ” Once Again’: COVID-19 and new forms of inequality for young music-makers. *YOUNG*, 29(4), 417–432.
- Howkins, J. (2005). The mayor's commission on the creative industries. Em: Hartley, J.(ed.) London: Blackwell, 117-125.
- Hui, Y. (2020). Tecnodiversidade. Tradução: Humberto Amaral. Ubu Editora.
- Kemmis, S. & Taggart, M. (1988). Como planificar la investigación-acción. apud Elia e Sampaio, 2001, 248.
- Krenak, A. (2019). *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Iwashita, C. (2006). Media representation of the UK as a destination for Japanese tourists: Popular culture and tourism. *Tourist Studies*, 6(1), 59–77.
- Lafuente, A. (2021). Para uma cartografia afetiva dos comuns. *Revista Outras Palavras*. Disponível em: <https://outraspalavras.net/descolonizacoes/para-uma-cartografia-afetiva-doscomuns/>
- Landry, C. & Bianchini, F. (1995). *The Creative City*. London: Demos.
- Landry, C. (2006). *The art of city making*. London: 1ª edição.
- Landry, C. (2008). *The Creative City: A Toolkit for Urban Innovators*. London: Comedia. 2.ª ed.
- Landry, C. (2011). Cidade criativa: história de um conceito. In: Reis, A. C. Fonseca; Kageyama, P. *Cidades Criativas: Perspectivas*. São Paulo: Garimpo de Soluções.

- Landry, C. (2013). *Origens e futuro da cidade criativa*. São Paulo: SESISP.
- Leitão, C. & Lúcio, M. (Org.). (2015). *Meu Verbo Cultura*. Bahia: Editora da Universidade Federal da Bahia.
- Maffesoli, M. (1995). *A contemplação do mundo*. Porto Alegre: Artes e ofícios.
- Mateus, A. et al. (2010). *O Sector Cultural e Criativo em Portugal*. Lisboa: Augusto Mateus & Associados.
- Morin, E. (2001). *A religação dos saberes: o desafio do século XXI*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Morin, E. (2000). *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. Tradução de: Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. Revisão técnica de: Edgard de Assis Carvalho. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO.
- Mineiro, A. A. C., Castro C.C. & Amaral, M. (2019). Quem são Os Atores da Hélice Quádrupla e Quíntupla? Casos Múltiplos em Parques Científicos e Tecnológicos consolidados. In XXII Seminários de Administração. São Paulo: SemeAd.
- Nordberg, K. (2015). *Enabling Regional Growth in Peripheral Non-University Regions-The Impact of a Quadruple Helix Intermediate Organization*. *Journal of the Knowledge Economy*, 334-356.
- Ohridska, O. & Ivanov, S. (2010). Creative Tourism Business Model and its Application in Bulgaria (September 24, 2010). Black Sea Tourism Forum Cultural Tourism – The Future of Bulgaria.
- Ostrom, E. (1990). *Governing the Commons: the evolution of institutions for collective action*, Cambridge Engler: Indiana University.
- Pessoa, F. (1930). Primeiro estranha-se depois entranha-se. Slogan Coca-Cola.
- Quivy, R. & Campenhoudt, L. (2005). *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Editorial Presença.
- Rodrigues, C.G. (2009). *O uso do público nos parques nacionais: a relação entre as esferas pública e privada na apropriação da biodiversidade*. Universidade de Brasília: Brasília.

- Roberts, E. & Townsend, L. (2016). *The contribution of the creative economy to the resilience of rural communities: Exploring cultural and digital capital*. Sociologia Ruralis.
- Richards, G. (2009). Turismo cultural: Padrões e implicações, em de Camargo, P. e da Cruz, G. (eds), Turismo Cultural: Estratégias, sustentabilidade e tendências. Bahia: UESC, 25-48.
- Richards, G. (2010). Trajetórias do desenvolvimento turístico - da cultura à criatividade? Encontros Científicos 6, 9-15.
- Richards, G. (2013). Creativity and tourism in the city, Current Issues in Tourism (ahead-ofprint), 1-26.
- Raposo, P. (2015). Artivismo: articulando dissidências, criando insurgências. Caderno de Arte e Antropologia: Lisboa. vol. 4, n° 2/2015, 3-12.
- Sá Marques, T. & Queirós, J. P. (2017). *AMP 2020 - Crescimento Sustentável*. Lisboa: Caleidoscópio.
- Sá Marques, Teresa (2004). *Portugal na transição do século: retratos e dinâmicas territoriais*. Porto: Edições Afrontamento.
- Santos, M. (2004). A Natureza do Espaço: técnica, razão e emoção. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 4ª ed.
- Saraiva, J. (1938). *Sinfanías*. Lisboa: Livraria Bertrand.
- Santos, M. (2003). Memória coletiva e teoria social. AnnaBlume: Coimbra,
- Santos, B. S. & Meneses, M. P. (Org.). (2010). *Epistemologias do sul*. São Paulo: Cortez.
- Santos, B. S. (2001). Para uma concepção multicultural dos direitos humanos. Vol. 23, nº1: Rio de Janeiro.
- Santos, B. S. (2002). Para uma sociologia das ausências e das emergências. Revista Crítica de Ciências Sociais.
- Silva, A.S.; Babo, E.P. & Guerra, P. (2015). Políticas culturais locais: contributos para um modelo de análise. *Sociologia, Problemas e Práticas*. 78, 105-124.

Souza, C. G. (2008). Patrimônio cultural: o processo de ampliação de sua concepção e suas repercussões. *Revista dos Estudantes de Direito da Universidade de Brasília, Brasília*, n. 7, p. 37-66

Tuan, Y. (1980). *Topofilia*. Tradução de Livia Oliveira. São Paulo: Diefel.

United Nations (2010). *World Economic Situation and Prospects*, Nova York: Publicação as Nações Unidas.

UNESCO (2005). *Década da educação das nações unidas para um desenvolvimento sustentável, 2005-2014: documento final do esquema internacional de implementação*. Brasília: [s.n.].

Urry, J. (2001). *O olhar do turista – Lazer e viagens nas sociedades contemporâneas*. São Paulo: Serviço Social do Comércio São Paulo.

Woolf, V. (2016). *Ao Farol*. Belo Horizonte: Autêntica Editora.

ANEXOS

ANEXO I

Guião de entrevista – Joana Salgado de Home for Creativity

Entrevistado/a: Joana Salgado
Entrevistadora: Camille Girouard
Entrevista: Home for Creativity - Cerdeira
Data: 25/02/2021
Local: Google Meet
Duração: 1h
Hora de realização: 15h30

Elementos gerais de caracterização sociográfica
Idade 38 anos
Sexo Feminino
Profissão Produtora Executiva e artística da Cerdeira - 1 ano e meio
Escolaridade Licenciada em Serviço Social Mestrado Incompleto em Estudos Artísticos - Teatro e Estudos Performativos (Universidade de Coimbra)
Percurso Profissional Curso de Teatro; Trabalhou numa Companhia de Teatro em Lisboa; Formação para crianças e jovens; Vigilante de dois museus; Oportunidade Serra da Lousã - Aldeia de Xisto fazer produção na área da cerâmica, madeira, pintura em azulejo (todas as artes e ofícios)
Morada Lousã
Data de Nascimento 01/02/1983

1. Qual é sua reflexão sobre cultura, território e desenvolvimento em zonas de baixa densidade?
2. Qual é o potencial, expectativas e desafios para empreendimentos da criatividade, experiência sustentável, relação com a comunidade?
3. Quais são as perspectivas de desenvolvimento do turismo criativo? Por que as residências artísticas são projetos efetivos do turismo de experiência e valorização do património material e imaterial local?
5. Qual é a sua opinião sobre os propósitos de projeto da Casa d'Abóbora que entra na rede de stakeholder de residência artística?

6. Para finalizar, em fase de Covid-19, como essas iniciativas conseguem manter a sustentabilidade de seus projetos? As redes e plataformas são mecanismos efetivos para a qualidade do turismo de experiência?

7. Nome e integrantes do Cerdeira – Home for Creativity. Associação? Empresa? Como foi a construção e desenvolvimento da residência?

8. Desafios do empreendimento em Lousã? Quantos habitantes há?

9. Quantos trabalham para o projeto?

10. Como é a relação de parceria com a Câmara, Junta de Freguesia e grupos ao redor de Lousão?

11. Qual o fluxo de visitantes? Como funcionam as atividades gerais e alojamento? E a comunidade local?

12. Turismo Criativo? Turismo Rural? Qual base de estudo? Conhecem as ODS/Agenda 2030? É política utilizada?

Guião de entrevista – Joana Faria da Casa d’Abóbora

Entrevistado(a): Joana Patrícia Correia Faria
Data: 26/03/21
Hora: 15h
Local: Presencial na Associação Casa d’Abóbora
Duração: 30 minutos

Elementos de caracterização sociográfica
Idade: 24 anos
Sexo: feminino
Profissão: Mediadora Social
Escolaridade: Licenciatura Linguas Estrangeiras: Ingles e Espanhol - Instituto Politecnico de Bragança
Percurso profissional: Voluntariado em Itália e residente da Casa Bô Associação Sociocultural
Residência: Aldeia - Ferreiros de Tendais - Cinfães

1. Percurso pessoal / profissional

2. *Conta sua relação com a Aldeia*
3. *E a Casa d'Abóbora? Como foi o processo?*
4. *Quais os objetivos da Casa d'Abóbora?*
5. *E a rotina? Como foi a reação da comunidade?*
6. *O que pensa sobre atividades sócio-culturais-ambientais nos territórios de baixa densidade?*
7. *E os desafios da cocriação com a comunidade?*
8. *Possuem comunicação com as entidades da região e outras associações/projetos?*
9. *Qual a diferença entre atividades associativistas no meio urbano e rural?*
10. *O que pensa sobre as atividades que fomentam o turismo criativo e de experiência?*
11. *E as artes? Acredita ser uma ferramenta para iniciativas sociais e culturais?*
12. *A Residência Artística se reconhece no turismo criativo? O que espera desenvolver na Aldeia com esse projeto?*
13. *O que é para você futuro sustentável?*

Guião de entrevista – Vereador Pedro Semblano Câmara de Cinfães

Entrevistado(a): Pedro Miguel Semblano Teixeira
Data: 19/03/21
Hora: 14h30
Local: Google Meet
Duração: 57 minutos

Elementos de caracterização sociográfica
Idade: 39 anos
Sexo: Masculino
Profissão: Economista
Escolaridade: Licenciatura em Economia na Universidade Lusíada do Porto
Percurso profissional: Economista e Vereador a tempo inteiro com os Pelouros de Gestão, Fundos Comunitários e Modernização Administrativa, Economia e Desenvolvimento Rural, Emprego, Empreendedorismo e Inovação, Desporto Lazer e Associativismo, Serviços de Informação e Tecnologia de Informação . No mandato anterior (2013-2017) esteve a frente dos pelouros de Economia e Finanças, Investimento e Fundos Comunitários, Desporto, Lazer e Juventude.
Residência: Cinfães

- 1. Em que sentido e de que forma se encontra ligado politicamente/profissionalmente a Cinfães? Já participou em algum projeto de desenvolvimento do território? Se sim, de que modo? Quais? Qual a sua relevância para compreendermos a atualidade vivenciada?*
- 2. Se tivesse de descrever Cinfães, como o faria?*
- 3. Considera ser um local que oferece boas condições de vida? Porquê?*
- 4. Como caracterizaria o desenvolvimento económico, cultural e turístico de Cinfães nos últimos cinco anos?*
- 5. De que forma acha que o património cultural material e imaterial de Cinfães pode ser determinante para o território?*
- 6. Qual a sua opinião acerca da dinâmica insurgente do turismo criativo?*
- 5. O que pensa sobre a crescente importância da “criatividade” nas agendas políticas?*
- 6. Acha que o futuro de Cinfães passa pelo turismo criativo? Porquê?*

ANEXO II

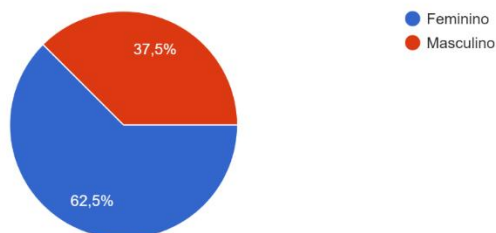
Resultados do Inquério Online

Guião base do inquérito online

Inquérito online		
Parte I. Cultura, criatividade e economia criativa	Perguntas abertas	a) Definição de Economia Criativa b) Referência de projetos artísticos e criativos que conhece
	Perguntas fechadas	c) Informações sociodemográficas d) Grau de análise sobre cultura, criatividade e economia criativa e) O que consumia antes e depois da Covid-19
Parte II. Território, patrimônios e turismo criativo	Perguntas abertas	a) Definição de Turismo Criativo b) Identificação de projetos de turismo criativo c) O que mais consome quando viaja
	Perguntas fechadas	a) Conhece o termo turismo criativo b) Tipo de turismo que consome mais c) Grau de análise sobre patrimônios materiais e imateriais d) Grau de análise interferência território-viajante
Parte III. Artes e residências artísticas	Perguntas abertas	a) Conhece projetos de residências artísticas b) Relação entre atividades artísticas e turismo c) Tipos de atividade artística tem interesse
	Perguntas fechadas	a) Conhece o termo residência artística b) Grau de análise sobre residências artísticas c) Grau de participação em residências artísticas

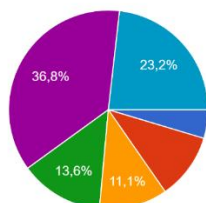
Fonte: Autora.

Indique seu gênero
280 respostas



Indique sua idade

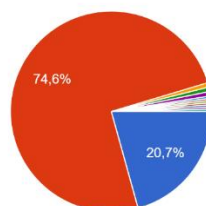
280 respostas



- entre 18 e 25
- entre 26 e 33
- entre 34 e 41
- entre 42 e 49
- entre 50 e 60
- acima de 60

Indique sua nacionalidade

280 respostas

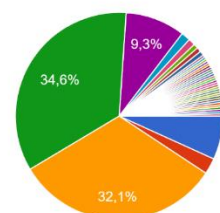


- Portuguesa
- Brasileira
- Italiana
- Chilena
- España
- costa rica
- Luso brasileiro
- Suécia

▲ 1/2 ▼

Indique sua profissão

280 respostas

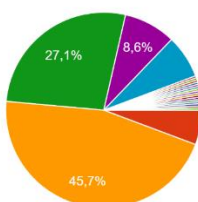


- Estudante
- Desempregada(o)
- Trabalhadora(o) dependente
- Trabalhadora(o) independente
- Reformada(o)/Aposentada(o)
- Voluntária(o)
- Professor
- Servidor público

▲ 1/5 ▼

Indique sua escolaridade

280 respostas

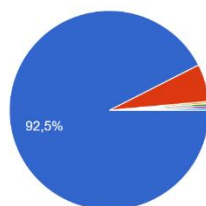


- Ensino Básico / 1º Grau completo (ensino fundamental)
- Ensino Secundário / 2º Grau completo (ensino médio)
- Ensino Superior / 3º Grau completo (ensino superior)
- Mestre
- Doutora(o)
- Pós- Doutora (o)
- especialista latu senso - Gestão de Negócios
- Especialização gestão cultural e econômica

▲ 1/3 ▼

Vive em zona urbana ou rural?

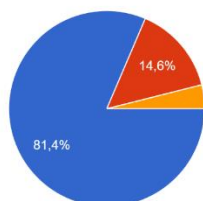
280 respostas



- Urbana
- Rural
- Praia
- Peri-urbana
- Semi urbana
- rurbana

Já ouviu falar de Economia Criativa?

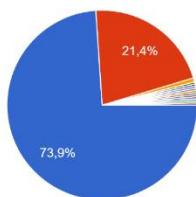
280 respostas



● Sim
● Não
● Talvez

Se sim, sabe o que significa o termo?

280 respostas

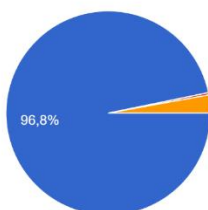


● Sim
● Não
● Mais ou menos
● Ideia imprecisa
● Mais o menos
● Penso que sei
● Não estou certa
● Mais ou menos

▲ 1/2 ▼

Acredita que a CRIATIVIDADE tem valor econômica?

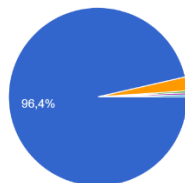
280 respostas



● Sim
● Não
● Talvez

Acredita que a CULTURA tem valor econômica?

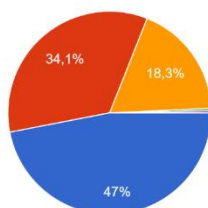
279 respostas



● Sim
● Não
● Talvez
● Nem toda atividade cultural pode ser monetizada, porém as atividades culturais Interferem, direta ou indireta...
● em termos.
● Depende que entendamos por cultura. Es un termino muy amplio. Una cosa es algo producido por las industrias cultu...

Sabe a diferença entre Economia da Cultura e Economia Criativa?

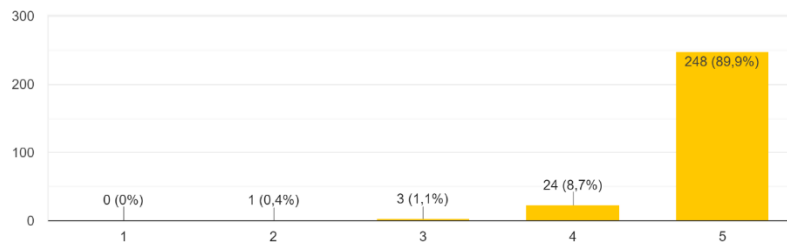
279 respostas



● Sim
● Não
● Talvez
● Acho que se sobrepõem em algumas dimensões
● Depende do autor. Alguns acham que ambos são proxy

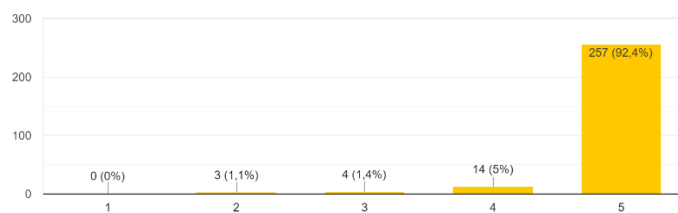
Indique o grau de importância da CRIATIVIDADE

276 respostas



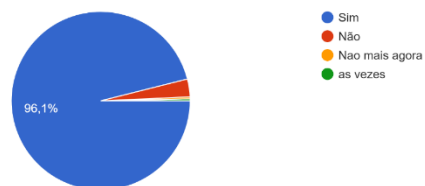
Indique o grau de importância da CULTURA

278 respostas



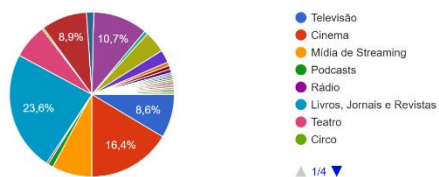
Você consome atividades e/ou espaços culturais?

280 respostas



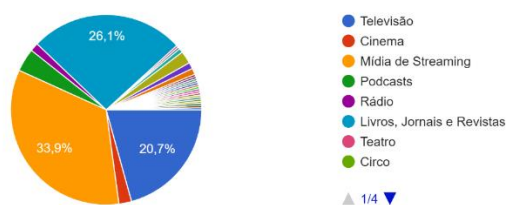
O que mais consumia ANTES da pandemia Covid-19?

280 respostas

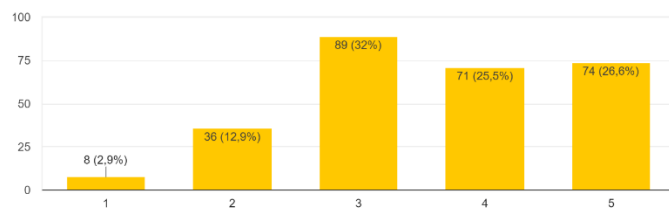


O que mais consome DURANTE a pandemia Covid-19?

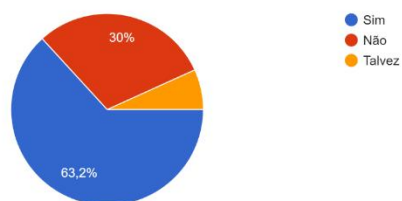
280 respostas



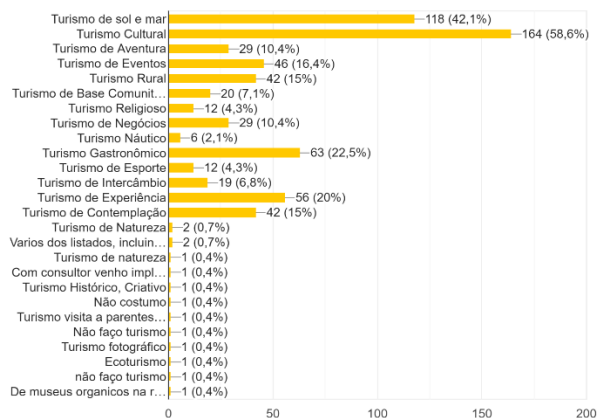
Indique o grau de acessibilidade às artes e equipamentos culturais na sua região
278 respostas



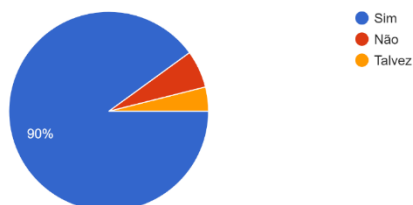
Já ouviu falar em Turismo Criativo?
280 respostas



Que tipo de turismo costuma consumir mais?
280 respostas

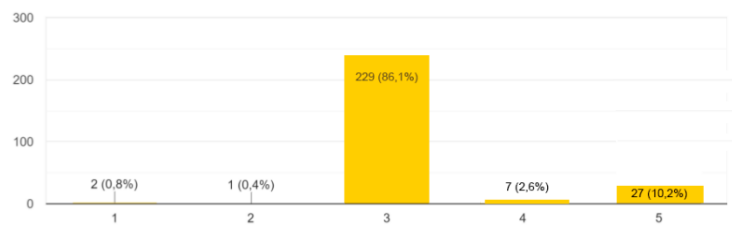


Sabe o que é patrimônio material e imaterial?
280 respostas



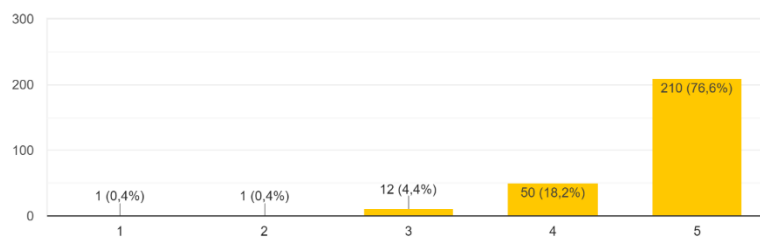
Se sim, marque o grau de importância para você

266 respostas



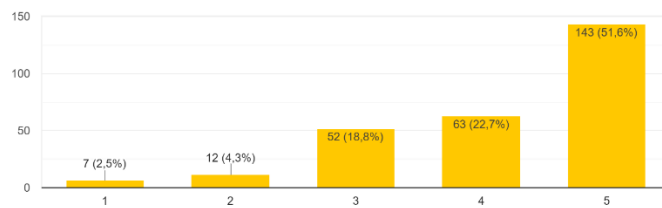
Marque o grau de relevância para o turismo local

274 respostas



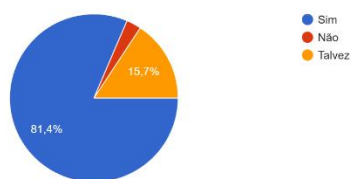
Qual o seu grau de preocupação em interferir na realidade de um território como turista?

277 respostas



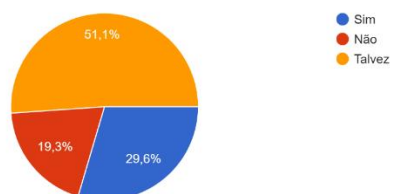
Gostaria de experimentar o turismo criativo?

280 respostas



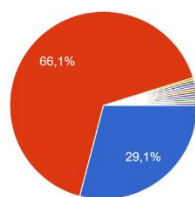
Há iniciativas de turismo criativo em sua região?

274 respostas



Se sim, já participou de alguma?

251 respostas

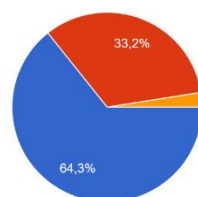


- Sim
- Não
- Talvez. Não sei se com essa denomin...
- Na Serra da Capivara, Piauí
- De forma indireta
- Estamos tentando fazer isso no Cumb...
- Não sei qual sua definição de turismo...
- Sim, mas não em minha região.

1/2

Já ouviu falar em Residências Artísticas?

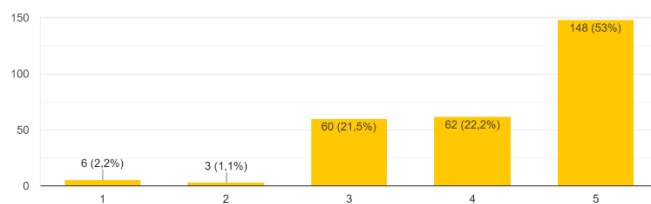
280 respostas



- Sim
- Não
- Talvez

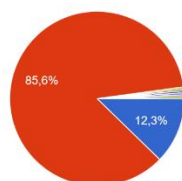
Em que grau de importância você acredita na relevância dos projetos de residências artísticas?

279 respostas



Já participa/ou de alguma residência artística?

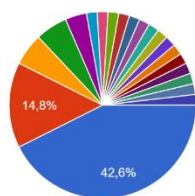
277 respostas



- Sim
- Não
- Fiz imersões de curta duração, nunca residí de fato.
- Como produtor
- Como promotor da experiência
- Como mencionei acima
- Como acompanhante de um participante
- Eu fui um dos organizadores de um pr...

Se sim, em que local?

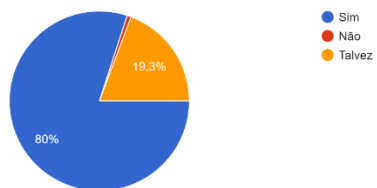
54 respostas



- Brasil
- Portugal
- Não participei
- Paris
- Não se aplica
- Não participei.
- Alemanha
- Não conheço

1/3

Gostaria que tivesse um projeto de residência artística em sua região?
275 respostas



Se sim, participaria?
271 respostas

